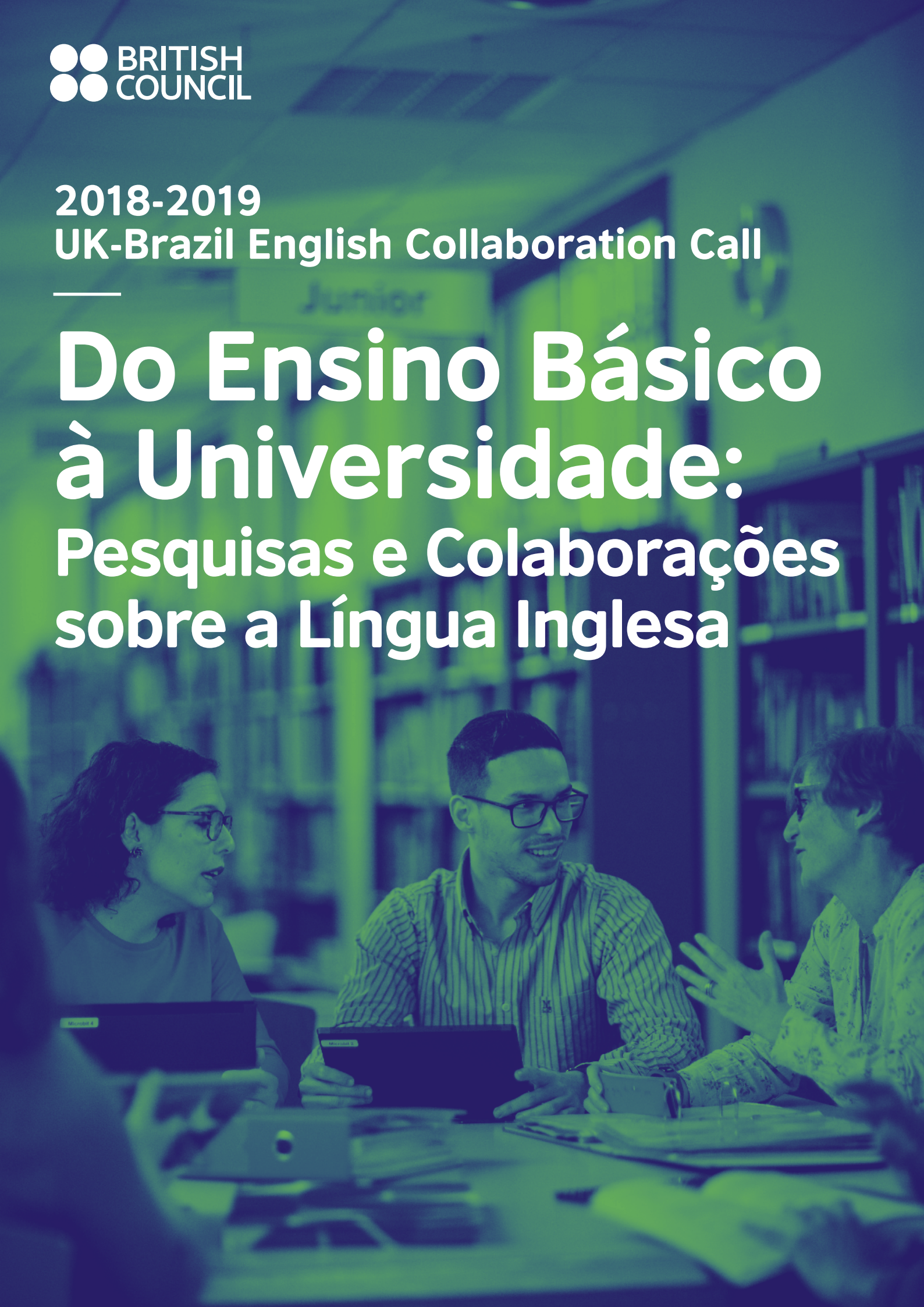
BRITISH COUNCIL

2018-2019
UK-Brazil English Collaboration Call

Do Ensino Básico à Universidade:

Pesquisas e Colaborações sobre a Língua Inglesa



BRITISH COUNCIL

UK-Brazil English Collaboration Call
2018-2019

Do Ensino Básico à Universidade:

Pesquisas e Colaborações sobre a Língua Inglesa

Créditos

Produção

British Council

Martin Dowle
Diretor Brasil

Cíntia Toth Gonçalves
Gerente Sênior de Inglês

Patrícia Santos
Gerente de Projetos de Inglês

Isabela Milanezzi
Marcela Gobo
Analistas de Serviços Educacionais

Equipe de publicação

Coordenação editorial
Patrícia Santos

Reportagem
Meghie Rodrigues

Revisão técnica
Maria Inês Gariglio

Revisão da versão inglês
Fiona Lawson
Lesley Rhodes

Projeto gráfico
Fernando Grossman

Design gráfico
Doroteia Design

Tradução português e revisão
Morné Greyling

© British Council 2020

Todas as fotografias nesta publicação pertencem ao ©British Council, salvo quando indicação do contrário.

As opiniões expressas são de responsabilidade dos autores e não representam necessariamente as do British Council.

O British Council é a organização internacional do Reino Unido para relações culturais e oportunidades educacionais. Está presente em mais de 100 países e seus principais parceiros incluem governos, organizações não governamentais e instituições privadas. Promove a cooperação entre o Reino Unido e o Brasil nas áreas da língua inglesa, artes, esporte, sociedade e educação.
www.britishcouncil.org.br

Sumário

Uma palavra do British Council no Brasil 5

Língua e educação para um mundo globalizado 7

Políticas para a língua inglesa como principais componentes do processo de internacionalização

I Você precisa de habilidades linguísticas perfeitas para dar uma boa aula em inglês? 12

II A linguística de corpus abre um novo caminho para uma melhor redação acadêmica 20

III Política, idioma e letramento em paisagens em mudança 28

IV O que você precisa para ensinar inglês acadêmico? 36

V EMI e a perspectiva do inglês como lingua franca 44

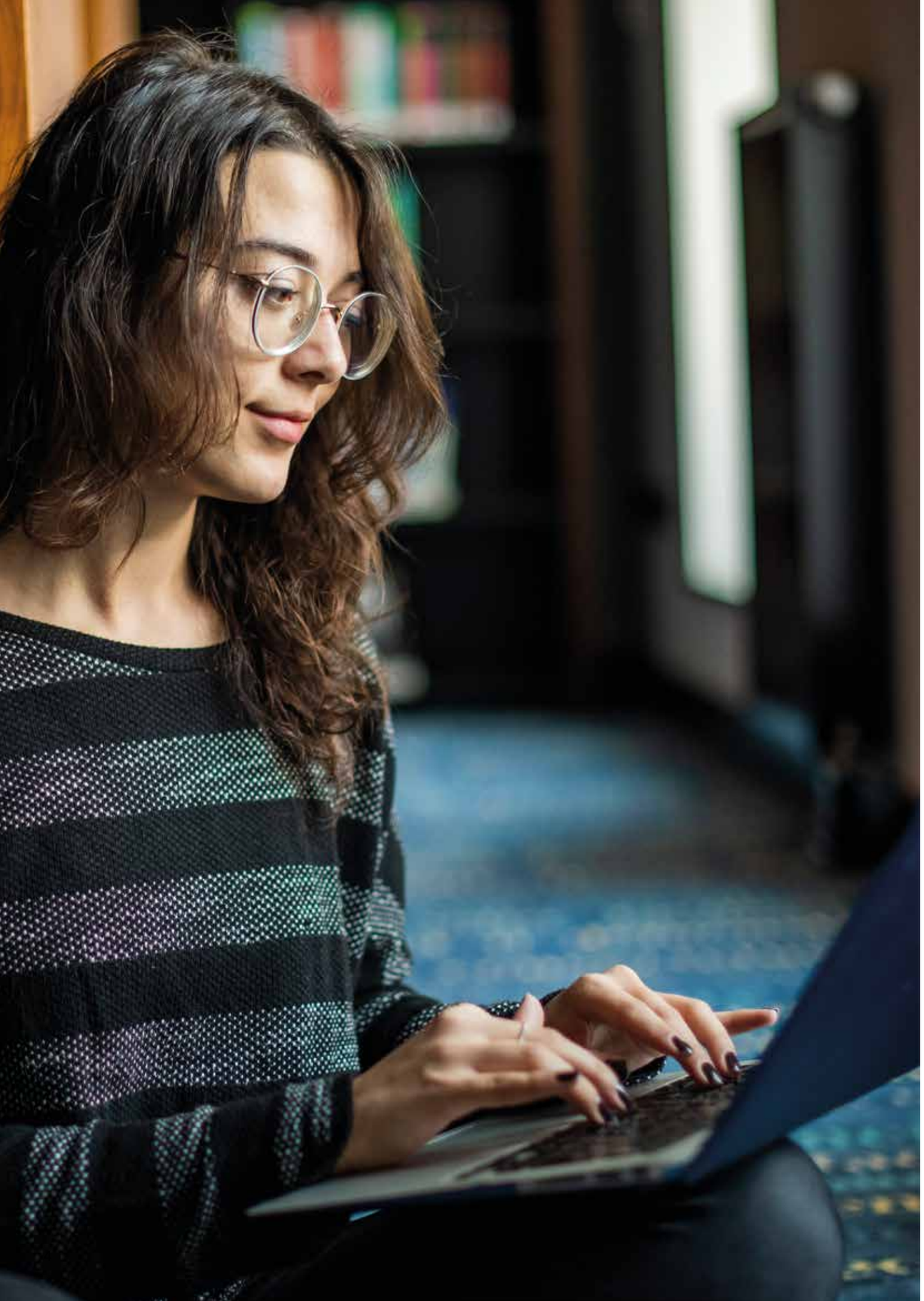
VI Internacionalização vai além de aulas em inglês 52

Melhorando o ensino e a aprendizagem da língua inglesa nos ensinos fundamental e médio do sistema escolar público

VII Prática Exploratória: o olhar dos próprios praticantes sobre o ensino de idiomas 64

VIII Um aplicativo móvel pode ajudar o ensino de inglês em salas de aula? 72

Projetos apoiados pela UK-BR English Collaboration Call 81



Uma palavra do British Council no Brasil

Martin Dowle
Diretor, British Council no Brasil

Atento aos esforços de internacionalização das universidades no Brasil e à introdução do inglês como disciplina obrigatória no ensino fundamental II e médio a partir de 2020, há dois anos o British Council lançou um edital para acadêmicos em nossos dois países com o intuito de examinar algumas das barreiras que estão impedindo o progresso da aprendizagem da língua inglesa no Brasil.

Ao todo, 18 universidades (11 no Brasil e sete no Reino Unido) participaram de oito projetos financiados entre dezembro de 2018 e julho de 2019, além de outras dez instituições envolvidas indiretamente. O Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap) foi um parceiro fundamental no desenvolvimento da chamada de pesquisa, apoiando seu desenho e engajando fundações estaduais para o cofinanciamento das pesquisas. As áreas de estudo variaram desde o uso de inteligência artificial no ensino de inglês, ao desenvolvimento de políticas de inglês para propósitos acadêmicos até o papel do inglês na internacionalização do ensino superior brasileiro.

A mensagem geral de grande parte da pesquisa é que devemos ser flexíveis e abertos à experimentação e à inovação, sem deixar que o ótimo seja inimigo do bom. O progresso no Brasil para aumentar significativamente o número de professores de escolas e universidades, além de pesquisadores capazes de ler, escrever e ensinar de forma eficaz em inglês, tem sido muito lento. Faltam dados sobre o nível de proficiência dos acadêmicos em geral, mas as estatísticas produzidas pelo programa do governo federal Idiomas sem Fronteiras dão uma ideia dessa lacuna. De acordo com o estudo, apenas 3% dos alunos alcançaram o nível C1 no Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (Common European Framework of Reference for Languages – CEFR).

Uma maior fluência no inglês entre acadêmicos e administradores realmente precisa ser parte integrante do processo de internacionalização nas universidades brasileiras. É preciso destacar que há considerável variação na ênfase que diferentes universidades estão dando a esse assunto. Muitos acadêmicos podem ter medo de ensinar em inglês porque pensam que seu nível no idioma não é alto o suficiente. Mas como um dos artigos nesta coleção sugere, talvez não seja realmente necessário que os acadêmicos tenham o mais alto nível de conhecimento da língua inglesa para poderem lecionar utilizando o Inglês como Meio de Instrução (English as a Medium of Instruction – EMI), uma exigência crescente em muitas instituições de ensino brasileiras. Mas a questão para se refletir permanece: qual é o nível de inglês necessário para que professores possam ministrar aulas por meio do inglês? Há algum requisito de nível mínimo?

Elevar os padrões na formação de professores é outro enorme desafio que o sistema educacional brasileiro enfrenta e as universidades têm um papel significativo a desempenhar na melhoria da formação de futuros grupos de professores à medida que eles passam pelo sistema de ensino superior. Nos próximos anos, precisará haver mais aprendizagem contínua eficaz para professores em serviço e um papel maior das universidades na compreensão das difíceis situações que os professores muitas vezes precisam lidar em seu dia a dia.

A publicação desses ensaios coincide com uma entusiasmante iniciativa de quatro anos do Prosperity Fund do Reino Unido para melhorar os padrões de ensino de inglês e aprendizagem no sistema de ensino público brasileiro, aproveitando os recursos dos setores de ensino de inglês no Brasil e no Reino Unido. Espero que os artigos deste volume, com base em pesquisas conjuntas entre nossos dois países, ajudem a fomentar o debate geral dentro do qual o novo fundo irá operar.

Língua e educação para um mundo globalizado

Cíntia Toth Gonçalves
Gerente Sênior de Inglês, British Council no Brasil

O caminho para melhorar os níveis de inglês no Brasil é longo e abrange os ensinos fundamental, médio e superior. Alguns números demonstram o crescimento do desafio.

De acordo com a pesquisa Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil, elaborada para o British Council pelo Instituto de Pesquisa Data Popular em 2014, apenas 5,1% dos brasileiros com mais de 16 anos diz ter algum conhecimento de inglês. Esta taxa de autopercepção dobra para 10,3% quando jovens com idade entre 18 e 24 anos são analisados. Portanto, entre 90% e 95% da população brasileira não se considera falante de inglês em qualquer nível.

O cenário não é muito diferente quando olhamos as universidades. Uma pesquisa do Programa Idioma sem Fronteiras mostra que a maioria (77%) da comunidade acadêmica nas universidades brasileiras possui entre nível básico e pré-intermediário de inglês- nível A1 até o B1 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR).

Com esses desafios em mente, o British Council tem se concentrado em apoiar parcerias entre universidades brasileiras e britânicas para promover formas inovadoras de melhorar a Aprendizagem de Língua Inglesa (English Language Learning – ELL) e o Ensino de Língua Inglesa (English Language Teaching – ELT) no ensino básico e superior. Acreditamos que o trabalho criativo e sólido dessas parcerias pode ter um efeito positivo na qualidade do ensino básico e na internacionalização em nível universitário, contribuindo para a concepção e implementação de práticas inovadoras, sustentáveis e escaláveis.

A **UK-Brazil English Collaboration Call 2018-19** apoiou oito projetos com foco nos ensinos básico e superior. Vale observar que as 11 instituições parceiras brasileiras e as sete britânicas mobilizaram outras dez instituições indiretamente, com mais de 570 participantes, incluindo professores, alunos e pessoal administrativo, entre outros. A chamada concedeu quase £ 113.000 no total: cerca de £ 58.000 do British Council, £ 15.000 de Fundações de Amparo à Pesquisa (FAPs) brasileiras e mais de £ 39.000 de universidades e outras fontes.

Essas colaborações abrangem duas linhas de pesquisas que diferem, mas ambas dizem respeito à língua inglesa.

A primeira, *Políticas para a língua inglesa como principais componentes do processo de internacionalização*, incorpora o fortalecimento da política linguística no nível institucional das universidades que trabalham com a agenda de "internacionalização em casa". Esta linha de pesquisa é de especial importância desde que o programa nacional Ciência sem Fronteiras foi descontinuado e diferentes estratégias e abordagens vêm sendo adotadas, indo além da mobilidade na graduação e pós-graduação.

Nessa linha de pesquisa, selecionamos seis projetos que vão desde a percepção de professores, alunos e outros membros da academia sobre o Inglês como um Meio de Instrução (EMI) para uma potencial indicação de quão proficiente o corpo docente deve ser em inglês para ministrar aulas através desse idioma.

As pesquisas também analisam o conceito do inglês como lingua franca e como o idioma pode fortalecer os processos de internacionalização quando combinado a outras políticas, como o suporte para cooperação internacional e a produção acadêmica em língua inglesa.

A segunda, *Melhorando o ensino e a aprendizagem da língua inglesa nos ensinos fundamental e médio do sistema escolar público*, trata sobre a melhoria do ensino e da aprendizagem de inglês no ensino fundamental II e no ensino médio do Brasil. Os dois projetos selecionados examinam a formação e a autopercepção de professores de inglês, bem como o uso das novas tecnologias como auxílio para o ensino em sala de aula. Esta linha de pesquisa é especialmente relevante quando consideramos que a maioria dos jovens brasileiros (85%) está matriculada em escolas públicas de ensino fundamental e médio.

Formar professores tem sido um fator importante na melhoria da qualidade do ensino de línguas adicionais. Isso é ainda mais relevante agora, já que a partir de 2020 o inglês será uma disciplina obrigatória para os alunos em escolas de ensino fundamental e médio no Brasil. Considerando que menos da metade (45,3%)[1] dos mais de 62.000 professores de inglês da rede pública possui formação adequada ou experiência em línguas adicionais, este é um assunto importante para pesquisa.

A **UK-Brazil English Collaboration Call 2018-19** buscou dar visibilidade a esses assuntos cruciais, e seus resultados foram posteriormente discutidos em trabalhos acadêmicos e apresentações. Em alguns casos, eles levaram a novos projetos de pesquisa. Algumas pesquisas foram apresentadas em artigos de revistas acadêmicas e mídia em geral, e outras resultarão em e-books ou diretrizes para políticas linguísticas em instituições de ensino superior. Todos eles estão ganhando relevância pública de várias maneiras e esta publicação destaca os pontos fortes de cada parte da pesquisa.

Por meio desta publicação, o British Council busca ajudar essas universidades a compartilharem seus resultados com outras instituições e para além da comunidade acadêmica, com formuladores de políticas públicas e a sociedade em geral. Nosso objetivo não é sermos exaustivos, nem relatar sobre cada pesquisa em grandes detalhes técnicos. Os trabalhos acadêmicos que resultarão dessas pesquisas servirão a esse propósito. Queremos contar as histórias dessas colaborações, o que foi feito, onde, por quem, como e com que resultado.

Espero que apreciem a publicação e descubram novos aspectos do ensino de inglês no Brasil, processos de internacionalização e algumas das soluções que estão sendo buscadas para enfrentar os desafios na área.

[1] Retirado do relatório do British Council 2019, Políticas Públicas para o Ensino de Inglês: um Panorama das Experiências na Rede Pública Brasileira.

LINHA DE PESQUISA

Políticas para a língua inglesa como principais componentes do processo de internacionalização

I. Você precisa de habilidades linguísticas perfeitas para dar uma boa aula em inglês?

A pesquisa avaliou se há um nível mínimo de proficiência que os professores precisam para ensinar efetivamente suas matérias em inglês

RESUMO

O Inglês como Meio de Instrução (EMI) é uma abordagem importante para a internacionalização do ensino superior em todo o mundo. Porém, quando se trata do nível de proficiência no idioma que os professores precisam para dar aulas, cada instituição parece ter seus próprios limites e parâmetros. Os professores precisam necessariamente ter proficiência avançada no idioma para ensinar com eficácia? Esta é a pergunta que o projeto **Existe um nível mínimo de proficiência em inglês para ensinar em uma universidade no contexto do EMI?** (*Is there a minimum level of English proficiency to teach in a university EMI context?*) procurou responder. O estudo foi conduzido pelo Dr. Ron Martinez (Universidade Federal do Paraná) em colaboração com o Cambridge Assessment English por meio de Siân Morgan e Hugh Moss. O projeto foi realizado de dezembro de 2018 a junho de 2019 e analisou como a proficiência de professores no idioma afeta a percepção dos alunos na compreensão dos conteúdos, com consequências para a internacionalização das universidades. No total, 22 professores fizeram um curso preparatório de EMI e apresentaram uma aula de 20 minutos que foi avaliada pelos estudantes participantes. Os resultados mostraram que docentes com nível B2 e superior, de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR), foram considerados aptos a lecionar em inglês pela maioria dos alunos. O estudo aponta a necessidade de uma investigação mais aprofundada, mas já é relevante para políticas institucionais e o ensino de línguas em ambientes universitários.

Quão proficiente em inglês um professor de EMI precisa ser?

Dominar um assunto específico muitas vezes não é suficiente para ministrar uma aula satisfatória via Inglês como Meio de Instrução (EMI): os professores devem possuir também um bom domínio da língua em si. No entanto, será que é estritamente necessário ter habilidades "avançadas" de inglês para dar uma boa aula? Existe um limite mínimo abaixo do qual a compreensão de uma aula se torna muito difícil? Essas perguntas são difíceis de responder, pois não há muitas pesquisas nessa área, diz o Dr. Ron Martinez, professor da Universidade Federal de Paraná (UFPR).

Uma avaliação realizada em 2018 pela Universidade de Oxford, conduzida pelo professor Ernesto Macaro, aponta que o conhecimento atual das competências linguísticas necessárias para que professores possam lecionem em EMI é bastante superficial, e "não há referência nacional ou internacional para o nível que o professor precisa ter para ser capaz de ensinar em inglês".

Essa falta de conhecimento pode dificultar a formulação de políticas linguísticas e de internacionalização em universidades no Brasil e pelo mundo afora. Para o Dr. Martinez, os professores precisam de um ponto de referência sobre a proficiência mínima no idioma para ministrarem aulas em EMI. Tal padrão, diz ele, é extremamente importante para a comunidade acadêmica. A busca por evidências sólidas pode abrir caminho para a discussão sobre proficiência no idioma para apoiar parâmetros e políticas do EMI.

Os níveis de proficiência em inglês geralmente não são elevados entre a comunidade acadêmica no Brasil. Dados do Programa Inglês Sem Fronteiras mostram que, em 2015, uma parte considerável da comunidade acadêmica brasileira (77%) tinha fluência básica ou pré-intermediária, variando entre os níveis A2 (43%) e B1 (34%). Enquanto 20% tinha proficiência intermediária (B2) em inglês, apenas 3% tinha conhecimento avançado (C1) do idioma, de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR).

Um nível de proficiência mínimo para a docência em EMI pode ser uma ferramenta importante para países como Brasil internacionalizarem suas universidades e instituições de ensino superior, mesmo que os níveis de proficiência em geral sejam baixos, diz o Dr. Martinez. É difícil para o Brasil seguir os mesmos padrões que, por exemplo, a Holanda, onde o inglês é amplamente falado. "Na Europa, muitas instituições exigem que professores tenham um nível mínimo C1 no CEFR para ministrarem aulas em inglês. Isso é possível em países onde uma porcentagem substancial da população é proficiente, mas condenaria o EMI ao fracasso aqui no Brasil", diz ele. "E não há evidência empírica de que C1 é o nível mínimo de proficiência necessário para habilitar aulas em EMI", ele continua. Conferir um limite mínimo seria de importância inestimável para este debate.

Se estudantes brasileiros e estrangeiros podem entender o conteúdo da aula dada com proficiência intermediária em inglês, isso pode significar que um nível avançado de inglês não é o nível mínimo exigido dos professores para ministrarem aulas em EMI.

Como a pesquisa foi realizada

O principal objetivo do projeto **Existe um nível mínimo de proficiência em inglês para ensinar em uma universidade no contexto do EMI?** foi medir as percepções dos alunos sobre a inteligibilidade de aulas em EMI ministradas por professores brasileiros.

De dezembro de 2018 a junho de 2019, o Dr. Martinez e a doutoranda Candida Palma selecionaram 40 alunos, sendo eles principalmente de cursos de pós-graduação do Brasil (27), falantes não nativos de inglês de outros países (9) e falantes nativos dos Estados Unidos (4). Eles foram selecionados a partir de uma gama de quase 500 alunos que fizeram um curso de escrita acadêmica em inglês ministrado pelo Dr. Ron Martinez em 2017 e 2018 e autodeclararam ter proficiência elevada. Os pesquisadores também convidaram 26 professores da UFPR e de universidades estaduais que participaram de um curso de formação de EMI. Alunos e docentes tiveram seus níveis de inglês (CEFR) avaliados através do teste Linguaskill, fornecido pelo Cambridge Assessment English, departamento da Universidade de Cambridge. Os níveis de proficiência dos alunos foram geralmente altos, enquanto os níveis dos professores variaram.

Após o curso de EMI, cada professor deu uma aula de 20 minutos sobre algum assunto aos seus colegas e foi entrevistado logo após terminar a atividade. As aulas foram gravadas em vídeo e posteriormente acessadas pelos alunos para avaliação cega (eles não sabiam o nível CEFR dos professores), usando o Test of Oral English Proficiency for Academic Staff (TOEPAS). Cada estudante avaliou três vídeos no total, de modo que todas as aulas fossem avaliadas por mais de um aluno.

A configuração dos procedimentos de avaliação foi uma tarefa complexa. Candida Palma diz que recrutar alunos e professores a participarem desse projeto de longo prazo foi especialmente desafiador. “Os alunos tiveram que receber treinamento no uso do TOEPAS, assistir a vídeos, que exigiram tempo e atenção, para depois os discutir e, por fim, serem entrevistados. Foi um processo longo”. Dr. Ron Martinez diz que, além disso, a equipe criou um site para hospedar os vídeos editados para os alunos assistirem e fazerem suas próprias observações.

Algumas descobertas

Alguns resultados já eram esperados pelos pesquisadores. “Nós sabíamos de antemão que os professores com um nível de proficiência avançado (CEFR C1) provavelmente seriam totalmente capazes de ministrar suas aulas em inglês e alguns não teriam nenhum problema com termos técnicos, porque a literatura que eles normalmente usam já está em inglês”, diz Palma. “É quando os níveis de proficiência são mais baixos que tínhamos nossas dúvidas”, ela continua.

A equipe de pesquisa teve algumas surpresas com certos resultados do projeto. A maioria dos estudantes brasileiros e estrangeiros (76%) considerou o nível B2 (intermediário) suficiente para que eles pudessem entender os professores, “mesmo nos casos em que o assunto era muito diferente da área de estudos dos alunos (alunos-avaliadores)”, diz Palma. Isso indica que alunos e professores não esperam perfeição uns dos outros quando se trata de habilidades linguísticas. “Há cooperação mútua, compreensão e tolerância em relação às aulas em EMI”, acrescenta ela.

Tais resultados sugerem que se os alunos brasileiros e estrangeiros podem entender o conteúdo de uma aula ministrada com proficiência intermediária em inglês, isso pode significar que nível avançado não precisa ser o limite mínimo exigido para que professores deem aulas em EMI. Esta descoberta aponta para a necessidade de uma investigação mais aprofundada, e é possivelmente um incentivo para mais acadêmicos abraçarem o EMI com perspectivas positivas para a internacionalização nas universidades brasileiras.

Percepções da comunidade

A pesquisa estimulou reflexão e prática do EMI em grupos além dos professores envolvidos no treinamento e avaliação. Mariza Túlio, professora de Língua Inglesa na Universidade Estadual da Ponta Grossa (UEPG), diz que o curso de EMI ministrado durante o projeto foi fundamental para sua prática e era uma espécie de “meta-atividade” para ela. “Eu sou professora de Língua Inglesa na faculdade de Letras, então nós ensinamos inglês como um assunto através do uso do inglês como uma linguagem em si, o que é um pouco diferente de ensinar outras disciplinas em inglês”, diz ela.

A pesquisa já teve alguns efeitos. “O curso me proporcionou conhecimento das práticas do EMI e a capacidade de o ensinar a outros professores da UEPG”, complementa Mariza Túlio. Ela coordena o treinamento de EMI na UEPG e acredita que a percepção da pesquisa, de que os professores não necessitam de proficiência muito elevada em inglês para ensinar no idioma, corrobora o processo de internacionalização de

> **“Recebemos perguntas frequentes em relação ao nível de proficiência mínimo exigido para o EMI. Contudo, variações em contextos do EMI em todo o mundo significam que não há uma recomendação única que poderia ser aplicada globalmente a todos os contextos do EMI”** ***Hugh Moss, Cambridge Assessment English***

modo mais amplo e orgânico no ensino superior, uma vez que a comunidade acadêmica fica mais motivada. “Em nosso treinamento, recebemos dos professores um feedback melhor do que esperávamos. Eles estavam motivados, dizendo que queriam implementar o EMI em suas práticas, porque sentiram que tinham superado sua insegurança de não serem proficientes o suficiente para ensinar em inglês”, acrescenta ela.

O maior desafio, segundo a professora, é conscientizar sobre a importância do EMI e estimular a aceitação por alunos e docentes sobre essa abordagem como parte do processo de internacionalização “que não é apenas sobre mobilidade acadêmica, mas também inclui a publicação de artigos e estabelecer colaborações internacionais de pesquisa, entre outras ações”, ela observa.

Conexão Brasil-Reino Unido

Dr. Ron Martinez diz que a parceria com o Cambridge Assessment English foi de fundamental importância para o projeto de pesquisa. A gerente sênior de pesquisa Siân Morgan foi uma das parceiras do Reino Unido que forneceram o teste de idioma, a avaliação e o apoio à análise dos resultados. Morgan e Dr. Martinez foram apresentados por Hugh Moss, consultor sênior de educação do Cambridge Assessment English, que apoiou a ideia de uma proposta conjunta e colaborou no estudo, além de estar envolvido com outro projeto selecionado pela **UK-Brazil English Collaboration Call** (consulte a página 52).

Os parceiros britânicos apontam que, a partir do ponto de vista de sua instituição, os resultados do estudo são importantes porque poucas pesquisas têm sido feitas para solucionar a questão sobre qual é o nível mínimo de inglês que os professores devem ter para de ministrarem aulas em EMI.

“O Cambridge Assessment English recebe dúvidas frequentes sobre o nível mínimo de proficiência exigido para o EMI. No entanto, as variações de contextos em todo o mundo significam que não há uma recomendação única que poderia ser aplicada globalmente a todos os contextos do EMI e mais pesquisas são necessárias para estabelecer um nível mínimo de inglês para professores do EMI, o que leva em consideração diferenças contextuais. Este estudo pode fornecer algumas evidências para adicionar à literatura sobre esse assunto”, diz Moss.

Os resultados da pesquisa podem ajudar a diminuir uma lacuna em relação a um aspecto importante do EMI e a internacionalização de instituições de ensino superior em todo o mundo. Moss e Morgan dizem que as descobertas fornecem evidências para fomentar as políticas linguísticas de universidades e são “um passo bem-vindo para a objetividade na tomada de decisão que irá beneficiar professores, alunos e formuladores de políticas”.

Próximos passos

Os resultados da pesquisa foram apresentados para acadêmicos da área de estudos de linguagem de vários países e o Dr. Ron Martinez recebeu convites das universidades de Oxford e Cambridge para discutir os resultados preliminares. “Os formuladores de políticas querem discutir os resultados da pesquisa para ajudá-los a pensar em possíveis aplicações”, diz ele. Com maior prontidão, a Universidade Federal do Paraná usará a pesquisa para fomentar a política de EMI na instituição a partir deste ano.

A pesquisa tentou responder algumas questões, mas ajudou a levantar outras. “Mesmo com 76% das avaliações das aulas dadas por professores com nível B2 do CEFR sendo positivas, ainda temos outros 24% de avaliações negativas”, diz Dr. Martinez. “Compreender o motivo de alguns professores de nível B2 terem sido avaliados mais negativamente do que outros envolve um certo grau de complexidade. Alguns alunos disseram que sua compreensão foi prejudicada por muitas pausas, bem como pela hesitação e pelo uso de muitas palavras em português”, continua.

Essas impressões levantam outras questões que merecem uma investigação mais aprofundada. A pesquisa foi realizada em um contexto diferente daquele que os professores estão acostumados em suas vidas cotidianas – eles estavam ensinando seus colegas, não seus alunos. Além disso, eles estavam sendo filmados e, para muitos, foi a primeira aula que eles deram em inglês ou de forma tão interativa e na frente de uma câmera.

A pesquisa traz novas questões: será que as pausas e hesitações teriam o mesmo efeito no contexto habitual desses professores? “Minha hipótese é que a percepção seria diferente. Para confirmar que o nível de proficiência B2 é suficiente, seria necessário realizar novas pesquisas sobre esses termos, dentro desses contextos habituais. Os professores que foram avaliados negativamente poderiam ser considerados bons o suficiente em suas aulas habituais”, conclui o Dr. Martinez.

Os pesquisadores também apresentaram o estudo durante o evento *UK-BR Internationalisation of Higher Education and Language Policies*, promovido pelo British Council, entre 27 e 31 de janeiro de 2020. O programa incluiu um seminário, workshop, encontros e visitas a universidades no Reino Unido.

PESQUISADORES PRINCIPAIS

Dr. Ron Martinez é professor da Universidade Federal do Paraná, onde é assessor de Políticas Pedagógicas de Internacionalização. É especialista em Linguística Aplicada e tem especialização em Inglês como Meio de Instrução (EMI) e Inglês para Fins de Publicação de Pesquisa (English for Research Publication Purposes – ERPP).

Siân Morgan é gerente sênior de pesquisa do Cambridge Assessment English, departamento da Universidade de Cambridge. Lecionou no Reino Unido, Itália e nos EUA, e seus interesses estão voltados para avaliação de aprendizado, avaliação de desempenho e avaliação de letramento.

DEMAIS COLABORAÇÕES

- Candida Palma, doutoranda pela UFPR e professora convidada de EMI na Pontifícia Universidade Católica do Paraná e na Universidade Positivo.
- Hugh Moss, consultor sênior de educação da equipe de Serviços de Consultoria do Cambridge Assessment English.

LEITURA ADICIONAL

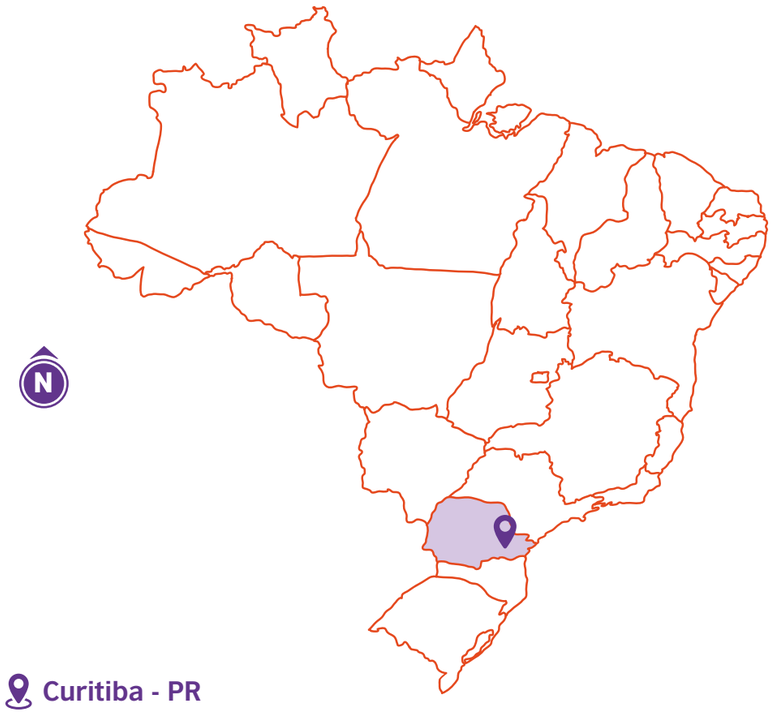
MACARO, E, CURLE, S, PUN, J, An, J, DEARDEN, J. (2018). A systematic review of English medium instruction in higher education. Language Teaching, 51(1), 36–76.

ABREU E LIMA, D, MORAES FILHO, W. (2016) O Programa Idiomas Sem Fronteiras. In S Sarmento, D Abreu E Lima and W Moraes Filho (eds), Do Inglês sem Fronteiras ao Idioma sem Fronteiras. Belo Horizonte: Editora UFMG.

MARTINEZ, R. (2016). English as a Medium of Instruction (EMI) in Brazilian higher education: challenges and opportunities. In KR FINARDI, English in Brazil: Views, Policies and Programs. Londrina: EDUEL.

Existe um nível mínimo de proficiência em inglês para ensinar em uma universidade no contexto do EMI?

Foco: Avaliar o nível de proficiência mínimo necessário para que professores ministrem aulas eficazes utilizando o Inglês como Meio de Instrução (EMI)
Instituição do Brasil: Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Instituição do Reino Unido: Cambridge Assessment English
Quando: Dezembro de 2018 a junho de 2019
Onde: Curitiba, Paraná
Número de participantes envolvidos: 73, incluindo docentes, alunos e equipe acadêmica.
Financiamento: £6.000 - Fundação Araucária £ 2.000; British Council £ 4.000



Curitiba - PR

Existe um nível mínimo de proficiência em inglês para ensinar em uma universidade no contexto do EMI?

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Cambridge Assessment English

II. A Linguística de corpus abre um novo caminho para uma melhor redação acadêmica

A linguística de corpus, ou seja, o estudo da linguagem baseado em amostras de textos autênticos, pode ser uma valiosa ajuda para pesquisadores que desejam aprimorar suas habilidades de redação em inglês acadêmico com autonomia

RESUMO

Pesquisadores precisam ter um bom conhecimento de Inglês para Fins Acadêmicos (IFA) de forma que os possibilitem a publicar seus trabalhos em periódicos internacionais. Alcançar um alto nível de fluência escrita é um desafio para muitos pesquisadores e alunos de pós-graduação no Brasil. Soma-se a isso o fato de que a maioria dos professores de língua inglesa não parece ter a devida formação em IFA que os capacite a auxiliar os pesquisadores a melhorarem sua proficiência na produção de textos acadêmicos. O IFA difere do inglês geral, utilizado em interações cotidianas, em relação a elementos lexicais, gramaticais e discursivos. Tais diferenças exigem uma formação específica, não encontrada nos cursos de inglês geral e ainda pouco presente em solo brasileiro. Com este desafio em mente, as pesquisadoras Ana Frankenberg-Garcia (Universidade de Surrey), Ana Bocorny e Simone Sarmento (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), e Paula Tavares Pinto (Universidade Estadual Paulista) desenvolveram o projeto **Apoio à internacionalização da pesquisa brasileira: Combinando formação de professores de IFA com autonomia para a produção de textos acadêmicos em inglês** (*Supporting the Internationalisation of Brazilian Research: Combining EAP Tutor Training and Academic Writing Autonomy*), realizado de dezembro de 2018 a junho de 2019 e abrangeu quatro workshops que visaram a fornecer aos professores de inglês ferramentas para a melhoria do ensino de IFA, bem como instrumentos para pesquisadores de diferentes áreas melhorarem sua escrita acadêmica.

A necessidade do Inglês para Fins Acadêmicos para a internacionalização das universidades

O inglês é considerado a lingua franca da ciência por ser amplamente utilizado em publicações acadêmicas ao redor do mundo. No entanto, ser proficiente em inglês geral não significa necessariamente ser um bom redator de artigos científicos, considerando que o inglês acadêmico possui muitas especificidades e complexidades que o diferenciam da língua inglesa do dia a dia.

No Brasil, a falta de proficiência em inglês acadêmico pode estar atrapalhando os pesquisadores a publicarem os resultados de suas pesquisas. Apesar de ser o 13º país com a maior produção de pesquisa em todo o mundo, de acordo com o relatório *Research in Brazil: Funding Excellence*, de 2019, o Brasil está abaixo da média mundial em número de citações. Além disso, a colaboração internacional caiu entre 2016 e 2018 em comparação com o período de 2013-2015. De acordo com o relatório, o nível de colaboração internacional pode estar relacionado ao impacto da citação sobre a pesquisa brasileira.

"A pesquisa brasileira é de muito boa qualidade, mas a maior parte fica restrita ao país porque muitos pesquisadores não publicam em periódicos do exterior, portanto, geralmente ficam fora da esfera global de influência na academia", diz a Dra. Ana Frankenberg-Garcia, professora associada de Estudos de Tradução da Universidade de Surrey, no Reino Unido. "Professores de inglês também, geralmente, não têm conhecimento de inglês acadêmico. Dessa forma, há uma grande demanda por este tipo de formação para professores de línguas e pesquisadores", acrescenta. Esse tipo de formação pode beneficiar acadêmicos e professores de inglês que não estão familiarizados com a redação científica.

Nesse sentido, necessita-se de mais pesquisas sobre IFA no cenário brasileiro, pois "sabemos pouco sobre as necessidades específicas dos acadêmicos brasileiros. Percebemos, por meio do programa Idiomas Sem Fronteiras, que não há programas estruturados de formação em IFA para professores", afirma a Dra. Simone Sarmento, professora associada do Departamento de Línguas Modernas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Com essa demanda em mente, Dra. Ana Frankenberg-Garcia (Universidade de Surrey), Dra. Ana Bocorny e Dra. Simone Sarmento (UFRGS), e Dra. Paula Tavares Pinto (Universidade Estadual Paulista – Unesp) desenvolveram o projeto **Apoio à internacionalização da pesquisa brasileira: Combinando formação de professores de IFA com autonomia para a produção de textos acadêmicos em inglês**, que teve como foco o aprimoramento da escrita acadêmica de professores de inglês e pesquisadores de diferentes áreas, tanto da Unesp quanto da UFRGS.

O Projeto

O projeto consistiu em oferecer quatro workshops voltados ao uso de ferramentas online como suporte para a melhoria da autonomia na produção de textos acadêmicos em inglês tanto por pesquisadores quanto por professores de línguas. Os workshops iniciavam com uma visão geral sobre vocabulário acadêmico, estrutura das frases e organização textual de resumos de periódicos e artigos científicos. Em seguida, eram introduzidas ferramentas e recursos online baseados na linguística de corpus com o objetivo de auxiliar os pesquisadores a melhorar sua redação em inglês acadêmico de forma autônoma e equipar os tutores de inglês acadêmico com materiais que eles poderiam consultar para ensinar inglês acadêmico. "Usamos a linguística de

corpus, ou coletâneas de textos acadêmicos em inglês, para ensinar como escrever nesse idioma. Baseamos nosso método em dados da vida real que podem nos mostrar como a linguagem é mais comumente usada em campos específicos de pesquisa", explica a Dra. Frankenberg-Garcia.

Cada um dos eventos teve duração de três dias e ocorreram, na Unesp e na UFRGS, em abril e junho de 2019. No total, 53 professores de inglês e 72 pesquisadores participaram dos workshops. Os 125 participantes vieram de 30 instituições diferentes, principalmente de São Paulo e do Rio Grande do Sul, e entre os pesquisadores havia professores universitários e alunos de mestrado e doutorado de diversas áreas, incluindo engenharia, ciências agrícolas, humanidades, ciências sociais e saúde.

"Havia uma grande demanda por estes workshops. Tínhamos de cinco a seis vezes mais candidatos do que o número de participantes que poderíamos atender", informa Simone Sarmento. Entre os critérios de seleção estavam o nível de experiência acadêmica e a proficiência em inglês dos participantes. "Era importante ter participantes com questões especificas sobre redação acadêmica com base em suas experiências, bem como um nível adequado de proficiência (era desejável o nível B2 no Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas) uma vez que os workshops não eram focados na aprendizagem geral do idioma", acrescenta.

Os workshops fizeram uso de recursos online da linguística de corpus voltados à melhoria da produção de textos acadêmicos. Professores de inglês e pesquisadores foram colocados em pares para que pudessem aprender uns com os outros. Os participantes trabalharam com ferramentas linguísticas online, incluindo recursos que reúnem grandes quantidades de dados de linguagem acadêmica. O Macmillan English Dictionary, o Academic Phrasebank, o ColloCaid, o SkELL e o Sketch Engine foram algumas das ferramentas utilizadas. Através do uso desses recursos os participantes puderam (re)conhecer padrões recorrentes do inglês acadêmico, como colocações frequentes, isto é, palavras que ocorrem geralmente juntas. As ferramentas também possibilitam o uso adequado de expressões e termos específicos.

> ***"Eu nunca tive um treinamento formal para redação científica antes. Todas ferramentas introduzidas (no workshop) foram muito úteis e pretendo usá-las na próxima edição do meu curso de graduação"***
> ***Dra. Ana Chies, UFRGS***

O sucesso da iniciativa não aconteceu sem alguns desafios. Um deles, de acordo com Sarmento, foi compensar lacunas nas formações de alguns dos docentes e acadêmicos. "Alguns dos professores de inglês que participaram dos workshops tiveram dificuldades em auxiliar os pesquisadores em suas áreas específicas e alguns pesquisadores não apresentaram a proficiência linguística desejável, embora tivessem excelente conhecimento técnico de suas disciplinas. No entanto, em geral, tivemos uma avaliação positiva da experiência", salienta Sarmento.

Algumas descobertas

A percepção dos participantes sobre os workshops foi altamente positiva. A iniciativa atendeu ou até superou as expectativas conforme respostas obtidas através de um questionário eletrônico anônimo respondido pelos participantes.

O objetivo do projeto, diz a Dra. Frankenberg-Garcia, foi estimular a autonomia dos pesquisadores e professores de inglês na escrita acadêmica "de modo que eles não precisariam de alguém mais proficientes em inglês do que eles para ajudá-los nas eventuais dúvidas sobre como elaborar frases e redigir seus artigos científicos. Nós adotamos uma abordagem empírica baseada em dados para a aprendizagem, na qual a linguagem é aprendida juntamente com a percepção sobre como as palavras são frequentemente utilizadas em textos."

A equipe de pesquisa identificou algumas das necessidades que os pesquisadores brasileiros têm sobre a redação acadêmica, como usar os termos e combinações de palavras mais adequados para dar ao texto um fluxo natural, por exemplo. Segundo Sarmento, "A maioria dos participantes nunca tinha ouvido falar das ferramentas de linguística de corpus que introduzimos e gostaram muito desses recursos". "Também notamos uma lacuna na formação de professores de línguas para trabalhar com inglês acadêmico. A maioria é proficiente em inglês, mas não têm um bom conhecimento dessa área específica", acrescenta. Nesse sentido, professores de línguas devem ter um apoio mais sólido das universidades e instituições para uma melhor formação em inglês acadêmico, afirma a Dra. Frankenberg-Garcia.

Percepções da comunidade

Os workshops trouxeram uma nova perspectiva para professores e acadêmicos sobre como poderiam utilizar as ferramentas para aprimorar a proficiência em IFA. A Dra. Maria do Socorro Rangel, professora associada de matemática da Unesp, salienta que o curso foi muito produtivo: "Já as estou utilizando para os artigos científicos que estou escrevendo no momento. Como falantes nativos de português, tendemos a usar estruturas de linguagem semelhantes, mesmo ao escrever em inglês, e as ferramentas me ajudam a ver que alguns dos termos que estava usando não eram os mais comumente utilizados na minha área". Ainda conforme Rangel, "Fomos auxiliados no uso de ferramentas para identificação de plágio, por exemplo... gostei muito do curso e faria novamente se fosse possível".

José Victor de Souza, estudante de graduação da Faculdade de Letras da Unesp e professor de inglês no programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), também confirma que os workshops tiveram um efeito positivo sobre sua atuação: "Os maiores aprendizados do curso foram os recursos e ferramentas que utilizamos, com exemplos autênticos da vida real. Essas ferramentas fornecem uma contribuição inestimável para o planejamento do meu material didático e exercícios". Para José Victor as ferramentas podem auxiliar especialmente quando as perguntas dos estudantes estão relacionadas à frequência com que algumas palavras e expressões são usadas em inglês.

Para a Dra. Ana Chies, professora de astronomia da UFRGS, o curso também foi muito útil, especialmente porque, à época dos workshops, ela estava ministrando um curso de redação científica em inglês no seu departamento. "Eu nunca havia recebido treinamento formal em

Os workshops começaram com uma visão geral do vocabulário específico, estrutura das frases e organização textual de resumos de periódicos e artigos científicos (...) seguido por uma introdução às ferramentas e recursos online baseados na linguística de corpus.

redação científica antes. Todas as ferramentas introduzidas foram muito úteis e pretendo utilizá-las na próxima edição do meu curso. Criar o nosso próprio banco de dados com artigos da área realmente ajuda os alunos a escrever de maneira mais eficaz, e saber como utilizar dicionários certamente traz acréscimos aos textos". A oportunidade de realizar o trabalho interdisciplinar também foi um dos destaques do workshop. "É ótimo ver que há um departamento tão rico nas proximidades. Nós deveríamos trabalhar juntos com mais frequência", sugere.

Conexão Brasil-Reino Unido

A parceria entre Unesp, UFRGS e a Universidade de Surrey começou antes da **UK–Brazil English Collaboration Call.** Em 2018, a Dra. Paula Tavares Pinto passou um semestre desenvolvendo uma pesquisa de pós-doutorado na Universidade de Surrey, "Foi nessa época que a parceria com a Unesp começou, mas nós nos conhecemos há mais tempo, das conferências sobre linguística de corpus", declara a Dr. Frankenberg-Garcia.

Quanto à cooperação com a UFRGS, as Dras. Frankenberg-Garcia, Sarmento e Bocorny também se conhecem de eventos acadêmicos anteriores. "Nós fortalecemos nossa colaboração em um workshop sobre linguística de corpus que fui convidada a ministrar em uma conferência no Rio Grande do Sul em 2017 e, em 2018, recebi uma bolsa de mobilidade do Santander para passar uma semana trabalhando com a Professora Simone Sarmento na UFRGS", salienta Frankenberg-Garcia, "quando esta chamada do British Council surgiu, era exatamente o que estávamos procurando, já que estávamos trabalhando juntas e planejando desenvolver um projeto de pesquisa. Foi o suporte que precisávamos para levar essa proposta adiante".

Próximos Passos

A equipe do projeto espera que os workshops tenham estimulado os participantes a compartilharem nos seus departamentos os conhecimentos sobre as ferramentas que tiveram acesso, criando assim uma reação em cadeia para atingir um público mais amplo.

De acordo com a Dra. Tavares Pinto, a equipe de pesquisa vai ampliar o estudo por meio dos projetos do Capes PrInt. A Dra. Frankenberg Garcia estará mais uma vez na Unesp para ministrar uma disciplina com a Dra. Tavares Pinto, que também planeja, juntamente com alguns alunos de doutorado, uma visita à Universidade de Surrey em breve. A relação entre pesquisadores e professores, a utilização de ferramentas e a avaliação dos workshops serão também objeto de um artigo que será submetido a periódicos e apresentado em conferências.

Os workshops revelaram alguns pontos importantes relacionados à formação de professores de inglês em IFA. Sarmento observa que currículos de graduação já são bastante extensos e que "seria particularmente difícil fazer quaisquer acréscimos para incluir este aspecto específico nos programas do curso. Porém, mesmo assim, nossa proposta é que as universidades ofereçam essa formação por meio de cursos extracurriculares ou de especialização. É importante disponibilizar esse tipo de prática de alguma forma".

As pesquisadoras também apresentaram o estudo durante o evento *UK-BR Internationalisation of Higher Education and Language Policies*, promovido pelo British Council entre 27 e 31 de janeiro de 2020. O programa incluiu um seminário, um workshop, reuniões e visitas a universidades no Reino Unido.

LEITURA ADICIONAL

ABREU E LIMA, D, MORAES FILHO, W, BARBOSA, W, BLUM A. (2016) O programa Inglês sem Fronteiras e a política de incentivo à internacionalização do ensino superior brasileiro. In S Sarmento, D Abreu E Lima and W Moraes Filho (eds), Do Inglês sem Fronteiras ao Idioma sem Fronteiras. Belo Horizonte: Editora UFMG.

FRANKENBERG-GARCIA, A (2020) Combining user needs, lexicographic data and digital writing environments. Language Teaching. 53.1: 29–43

FRANKENBERG-GARCIA, A (2018) Investigating the collocations available to EAP writers. Journal of English for Academic Purposes. 35: 93–104.

PINTO, P.T (2018) Um curso de Inglês com Fins Acadêmicos baseado em Corpus para alunos universitários das áreas de Humanas, Exatas e Biológicas. In MM Ferreira, VCR Stella (Org.), Redação Acadêmica: múltiplos olhares para a produção textual e o seu ensino. 01 ed. São Paulo: Humanitas, 2018, v. 01, pp. 122–136.

VIANA, V, BOCORNY, A, SARMENTO, S. (2018). Teaching English for Specific Purposes. ELT Development Series. TESOL Press.

PESQUISADORAS PRINCIPAIS

Dra. Ana Frankenberg-Garcia professora titular de Estudos de Tradução na Universidade de Surrey. É especialista em tradução, lexicografia e escrita assistida, e trabalhou com aplicações de linguísticas de corpus nessas áreas. Ela é pesquisadora principal do projeto ColloCaid e foi editora-chefe do Oxford Portuguese Dictionary e colíder do corpus COMPARA.

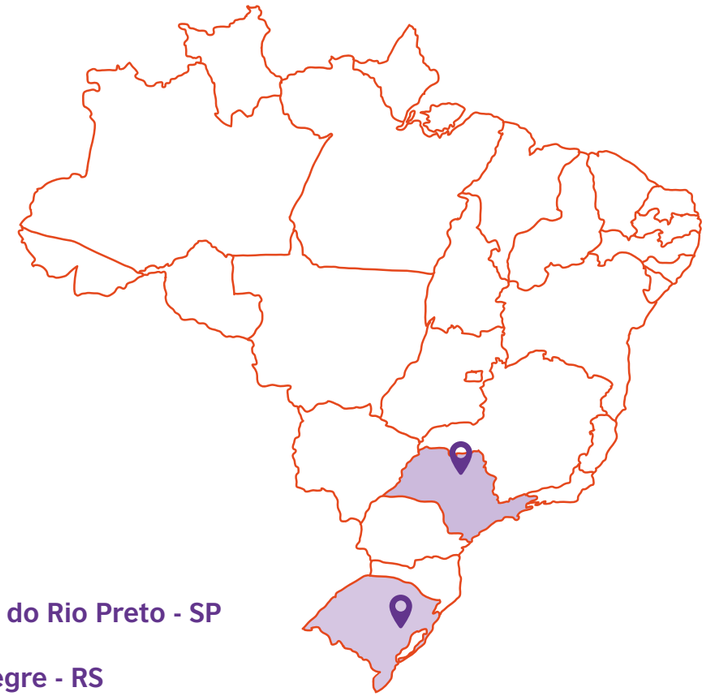
Dra. Ana Eliza Bocorny é professora associada do Departamento de Línguas Modernas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entre suas áreas de especialização estão a linguística de corpus e o Inglês para Fins Acadêmicos (IFA). Trabalha, também, com o desenvolvimento de recursos digitais para apoiar a escrita e leitura em Inglês para Fins de Publicação e Pesquisa (IFPP).

Dra. Simone Sarmento é professora associada do Departamento de Línguas Modernas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq - Nível 2. É especialista no ensino da língua inglesa e formação de professores, tendo focado sua pesquisa em educação e política linguística, internacionalização, linguística de corpus e Inglês para Fins Acadêmicos (IFA).

Dra. Paula Tavares Pinto é professora associada do Departamento de Letras Modernas do da Universidade Estadual Paulista (Unesp) em São José do Rio Preto. É especialista em tradução e estudos linguísticos, atuando também com linguística de corpus e Inglês para Fins Acadêmicos (IFA). Atualmente coordena o programa CAPES/Fulbright de English Teaching Assistant (ETA) e o programa de Inglês da Unesp para apoio à internacionalização da instituição.

Apoio à internacionalização da pesquisa brasileira: Combinando formação de professores de IFA com autonomia para a produção de textos acadêmicos em inglês

Foco: Promover a aprendizagem de ferramentas online baseadas na linguística de corpus que possibilitem (1) que pesquisadores brasileiros obtenham maior autonomia na redação de textos acadêmicos em inglês e (2) que professores de inglês acadêmico possam melhor auxiliar os pesquisadores de diversas áreas na redação de seus textos acadêmicos.
Instituições do Brasil: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual Paulista (Unesp)
Instituição do Reino Unido: Universidade de Surrey
Quando: De dezembro de 2018 a junho de 2019
Onde: Porto Alegre, Rio Grande do Sul; e São José do Rio Preto, São Paulo
Número de participantes envolvidos: 134 (participantes do workshop, equipe de pesquisa e organização local)
Financiamento: £ 20.199,78 – ISF/UFRGS £ 2.500; Unesp £ 2.500; Sketch Engine £ 5.199,78; British Council £ 10.000



São José do Rio Preto - SP

Porto Alegre - RS

Apoio à internacionalização da pesquisa brasileira: Combinando formação de professores de IFA com autonomia para a produção de textos acadêmicos em inglês

Universidade Estadual Paulista

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Universidade de Surrey

III. Política, idioma e letramento em paisagens em mudança

A formulação de políticas sobre língua e internacionalização também está relacionada a como as pessoas percebem e interagem em um mundo textualmente mediado

RESUMO

Que tipos de políticas relacionadas à internacionalização foram discutidas e como estão sendo desenvolvidas nas universidades brasileiras? Em quais áreas da vida acadêmica e em quais disciplinas elas acontecem? Estas foram algumas das principais questões que o projeto **Paisagens de língua e letramento em mudança nas universidades brasileiras: O inglês no desenvolvimento da política e da prática linguística** (*The changing language and literacy landscapes of Brazilian universities: English in policy development and in practice*) buscou pesquisar. O estudo foi realizado entre dezembro de 2018 e agosto de 2019 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e na Universidade de Brasília (UnB) em parceria com a Universidade de Birmingham. O projeto analisou as perspectivas e experiências de acadêmicos e atores sociais relacionados às políticas das instituições brasileiras por meio de pesquisa etnográfica. Além de contribuir para a construção do entendimento dos dois contextos locais, o estudo também forneceu indicadores para pesquisas futuras sobre a língua e internacionalização no ensino superior no Brasil.

Paisagens em mudança

No Brasil, há movimentos políticos recentes em relação à internacionalização em universidades públicas em resposta ao Programa Institucional de Internacionalização da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes PrInt). A iniciativa de financiamento do governo, lançada em 2017, visa estimular planos estratégicos, redes de pesquisa e mobilidade, entre outras atividades, a fim de desenvolver o ambiente internacional no ensino superior.

Com este panorama em mente, pesquisadores brasileiros da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Universidade de Brasília (UnB) colaboraram com uma equipe da Universidade de Birmingham, do Reino Unido, para estudar como este processo está acontecendo, quais são suas implicações e quais áreas de pesquisa seriam apropriadas para dar continuidade.

A UFMG e a UnB estão localizadas em grandes configurações metropolitanas e são estruturadas em campi, tendo cerca de 67.000 alunos. Outra semelhança é que as duas instituições foram selecionadas para o CAPES PrInt.

Segundo a Dra. Izabel Magalhães, professora da UnB e uma das pesquisadoras principais, o estudo é especialmente relevante para as políticas de língua estrangeira das universidades porque "o processo da internacionalização resulta em professores e autoridades universitárias se comunicando em idiomas além do português, inclusive nos sites de universidades". Este estudo específico, diz ela, "analisa a mudança em curso na política linguística".

Como a pesquisa foi realizada

Para conduzir a pesquisa, a equipe analisou a formulação de políticas para a linguagem no contexto do ambiente educacional e levou em consideração os textos que vêm sendo utilizados e produzidos neste ambiente, como as pessoas interagem em um mundo textualmente mediado por meio de textos escritos ou lidos, em papel ou na tela, em atividades acadêmicas como pesquisa, ensino, aprendizagem e administração. Tudo isso são práticas sociais que ocorrem na vida institucional e elas foram analisadas através das lentes de um quadro teórico que se direcionou à etnografia na pesquisa em política de língua, ao planejamento e aos novos estudos de letramento.

Segundo a professora Castanheira, esta abordagem etnográfica segue "concepções particulares de cultura, língua, as perspectivas dos membros do grupo e observadores externos, além de envolver a reflexão por parte dos pesquisadores ao construir conhecimento de pesquisa". Conduzir entrevistas, fazer observações de eventos específicos, tomar notas de campo e analisar documentos são alguns dos procedimentos que os pesquisadores adotam na investigação etnográfica.

A equipe de pesquisa utilizou técnicas de entrevista em dois grupos diferentes de funcionários da UFMG e da UnB. Um grupo tinha nove atores sociais envolvidos com as políticas, criando, interpretando e se apropriando de políticas universitárias relacionadas à internacionalização, em particular as relacionadas ao CAPES PrInt. O outro grupo tinha nove acadêmicos de diferentes disciplinas, com experiência em colaboração internacional em pesquisa anterior ao CAPES PrInt.

Os pesquisadores também estudaram documentos relacionados à política de língua, incluindo materiais de seminários e chamadas de propostas relacionadas a financiamento governamental do CAPES PrInt.

A Dra. Izabel Magalhães diz que o maior desafio para este tipo de pesquisa foi o de "realizar um estudo etnográfico em apenas sete meses. Esse tipo de análise exige atenção a vários detalhes em termos de observação e coleta de informações, bem como um profundo processo de reflexão".

Porém, foi possível superar esse desafio, de acordo com a Dra. Andrea Mattos, professora associada da UFMG e integrante da equipe de pesquisa, ao projetar uma metodologia que considerou restrições de tempo e concentrou a maioria dos esforços na geração de informações e na coleta. Além disso, o fato de que a maioria dos pesquisadores da equipe tem muita experiência em pesquisa acadêmica e trabalha em universidades federais também fortaleceu o processo: "Nós fomos capazes de lidar com as pressões do tempo a partir do ponto de vista interno dos acadêmicos brasileiros", disse a Dra. Mattos.

A professora Marilyn Martin-Jones (Universidade de Birmingham) acrescenta que a pesquisa se beneficiou consideravelmente de uma grande equipe, com seis de seus oito membros com experiência de trabalho etnográfico estando totalmente envolvidos no trabalho de campo entre março e julho de 2019. Ela também observa que o diálogo entre os membros da equipe brasileira e os da Universidade de Birmingham durante as reuniões de pesquisa permitiu que a equipe alcançasse maior nível de reflexão.

> ***"Por meio de nossas publicações, esperamos demonstrar o valor de não enxergar a formulação de políticas como um processo binário de criação e implementação, mas como um processo institucional estabelecido e multifacetado"***
> ***Professora Marilyn Martin-Jones***

Alguns achados

A UFMG e a UnB foram selecionadas para o CAPES PrInt 2017. No entanto, as atividades voltadas à internacionalização começaram vários anos antes das instituições receberam o financiamento. Acadêmicos, alunos e funcionários da universidade já vinham construindo redes internacionais de pesquisa por um longo tempo. Acadêmicos, de maneira individual, e grupos de pesquisa, elaboraram e apresentaram seus próprios projetos para apoio financeiro de diferentes órgãos de financiamento antes que quaisquer políticas unificadas estivessem em vigor.

Uma descoberta importante que veio do histórico de observações feitas foi que é particularmente difícil conceber políticas que englobem diferentes ambientes, contextos e necessidades. "Considerando a heterogeneidade das instituições acadêmicas, é impossível desenvolver políticas de uma forma homogênea e essa foi uma descoberta significativa da pesquisa", disse a professora Izabel Magalhães.

Os pesquisadores observaram que as duas instituições criaram comitês por meio de um briefing institucional para supervisionar iniciativas de internacionalização e ambas prepararam um plano institucional. Havia semelhanças nas direções tomadas em suas estratégias institucionais, mas também havia algumas diferenças na natureza e no alcance das iniciativas que estavam sendo tomadas, com membros das equipes em diferentes funções institucionais tendo a responsabilidade de levar as iniciativas adiante.

Ao analisar as formas em que a linguagem e as práticas de letramento mediaram as atividades dos participantes do estudo, um dos destaques é a importância do acesso e uso de uma ampla gama de ferramentas e recursos digitais. Eles garantem acesso a "recursos intelectuais importantes alcançando visibilidade internacional e geram colaboração com acadêmicos em outros contextos", como os pesquisadores escrevem em seu relatório de pesquisa.

Visto que alguns entrevistados começaram a colaboração acadêmica antes das atuais tecnologias de comunicação, o que faz diferença em suas vidas profissionais atuais é a facilidade e a velocidade com que a comunicação ocorre por causa da digitalização. No entanto, alguns participantes apontaram que também há um custo em termos de carga de trabalho.

A pesquisa também resultou em indicadores para estudos futuros e práticas em áreas como a formulação de políticas linguísticas, desenvolvimento de currículo, ensino e prática de aprendizagem, administração universitária e a relação entre linguagem e internacionalização no ensino superior. Estes aspectos serão posteriormente abordados em publicações da área acadêmica, mas um resumo está disponível em www.britishcouncil.org.br/en/uk-brazil-englishcollaboration-call.

Percepções da comunidade

A pesquisa segue a rota que algumas universidades federais estão tomando para a internacionalização. Um exemplo é a própria UFMG, que adotou uma nova política de internacionalização em maio de 2018. Ela gerencia, por exemplo, a expansão de acesso a línguas e culturas estrangeiras. A preferência por ações, ensino e aprendizagem de línguas, incluindo a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e português como idioma complementar, é uma das resoluções que a política abrange. Também é disponibilizado suporte para formação linguística da comunidade acadêmica.

Para Silvia Alencar, pró-reitora adjunta de pós-graduação da UFMG e uma das participantes do estudo, a pesquisa se encaixa totalmente nesta política porque "analisa a internacionalização em casa, além de vários mecanismos para a expansão de conhecimento em inglês".

Desde 2018, segundo ela, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação tem incentivado a oferta de disciplinas em inglês, bem como formação para que professores lecionem no idioma. Em sua opinião, a análise fornecida pela pesquisa será um importante recurso para fortalecer políticas e ações já em curso na UFMG, como o programa de internacionalização do CAPES PrInt, que promove a mobilidade entre os alunos e pesquisadores do Brasil e do exterior para o estabelecimento de parcerias entre grupos de pesquisa.

Conexão Brasil-Reino Unido

A parceria entre as equipes do Brasil e do Reino Unido começou muito antes da **UK–Brazil English Collaboration Call,** abrangendo uma década de pesquisa conjunta. Em 2008, a professora Marilyn Martin-Jones fundou um grupo de pesquisa na Escola de Educação da Universidade de Birmingham com um foco no multilinguismo, o *MOSAIC Group for Research on Multilingualism*, e as Dras. Castanheira e Magalhães têm contribuído ativamente.

A Dra. Magalhães conhece a professora Martin-Jones desde 1982 e diz que este é o terceiro projeto que elas desenvolveram juntas. "O primeiro foi pesquisa colaborativa entre 1992 e 1999 com financiamento do governo brasileiro e do British Council, envolvendo a Universidade de Brasília, a Unicamp e a Universidade Lancaster (Reino Unido). O segundo foi a organização de uma edição especial do *International Journal of Sociology of Language*, que começou com um painel que organizamos em 2010 na Universidade de Southampton", ela lembra.

Para a professora Martin-Jones, essas conexões e o profundo comprometimento de todos os membros da equipe ao objeto de pesquisa foram cruciais para o sucesso do projeto. "Caso contrário, teria sido impossível conseguir tanto em tão pouco tempo", ela enfatiza. Ela também observa que o envolvimento de quatro acadêmicos associados brasileiros no estudo foi importante para capacitar a equipe a "abordar os processos de mudança política que acontecem atualmente no ensino superior do Brasil a partir de uma perspectiva histórica".

Para entender como as políticas linguísticas evoluem e criam raízes em instituições de ensino superior, a equipe de pesquisadores desenhou sua metodologia a partir de estudos antropológicos e etnográficos.

A pesquisa agregou não apenas ao estudo e a prática de internacionalização do ensino superior no Brasil, mas também à experiência pessoal dos pesquisadores. A professora Martin-Jones se diz "pessoalmente muito beneficiada" pela pesquisa. "Eu aprendi muito sobre educação superior no Brasil, sobre a natureza da vida profissional, sobre práticas de letramento dos acadêmicos brasileiros e sobre o quanto eles conquistam enquanto trabalhavam em circunstâncias mais desafiadoras que as do norte global", afirma ela.

Próximos passos

A parceria entre as universidades brasileiras e britânicas irá se desdobrar em mais atividades no futuro, com várias delas em vista. A professora Martin-Jones menciona o *Birmingham Brazil Forum* para colaboração em pesquisa, que a Universidade de Birmingham lançou em 16 de julho de 2019. O programa, diz ela, fornecerá a base para futuras pesquisas de cooperação com os cinco membros brasileiros da equipe de pesquisa. "Também abrirá oportunidades para estender o trabalho descrito aqui, através de colaboração com outros pesquisadores em outras universidades no Brasil. Além disso, criará oportunidades para a oferta de capacitação em metodologia de pesquisa em etnografia da política linguística e da etnografia do letramento em contextos do ensino superior. Esta capacitação será projetada para doutorandos ou pesquisadores de pós-doutorado nessas áreas", detalha ela.

A professora Martin-Jones também destaca planos para uma edição especial de um periódico baseado no simpósio que os pesquisadores estão organizando para o congresso da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA) na Holanda, em agosto de 2021. Com o título "Internacionalização, digitalização e as paisagens de língua e letramento em mudança nas universidades" (*Internationalisation, digitisation and the changing language and literacy landscapes of universities*), o simpósio reunirá contribuições de acadêmicos no Brasil, China, Lituânia, Noruega, Suécia, Reino Unido e EUA.

Também existem planos para enviar um artigo para uma edição especial da Revista Brasileira de Linguística Aplicada, que ficará ao lado de outros estudos sobre política de linguagem e prática no ensino superior em outros países da América Latina.

"Por meio de nossas publicações, esperamos demonstrar o valor de não enxergar a formulação de políticas como um processo binário de criação e implementação, mas como um processo institucional estabelecido e multifacetado", a professora Martin-Jones diz.

Os pesquisadores também apresentaram o estudo durante o evento *UK-BR Internationalisation of Higher Education and Languages*, promovido pelo British Council, de 27 a 31 de janeiro de 2020. O programa incluiu um seminário, um workshop, reuniões e visitas a universidades no Reino Unido.

LEITURA ADICIONAL

BLOOME, D, CASTANHEIRA, ML, LEUNG, C, ROWSELL, J (eds) (2019). Re-theorizing Literacy Practices Complex Socialand Cultural Contexts. New York: Routledge.

JOHNSON, DC (2009) Ethnography of language policy. Language Policy, 8, 139–159.

MARTIN-JONES, M, MAGALHÃES, I, BAYNHAM, M (2019) Literacy in the study of social change: Lusophone perspectives. International Journal of the Sociology of Language, 259 (edição especial).

TUSTING, K, McCULLOCH, S, BHATT, I, HAMILTON, M, BARTON, D (2019) Academics writing: The dynamics of knowledge creation. Abingdon, Oxon: Routledge.

PESQUISADORAS PRINCIPAIS

Maria Lucia Castanheira é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e ex-diretora do CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita). Entre suas áreas de especialização estão educação, cultura e linguagem, com experiência significativa em pesquisa etnográfica sobre práticas de letramento escolares e não escolares.

Marilyn Martin-Jones é professora emérita e ex-diretora do *MOSAIC Group for Research on Multilingualism* da Escola de Educação da Universidade de Birmingham. Pesquisou multilinguismo por mais de quatro décadas e entre suas áreas de especialização estão o letramento multilíngue, interação em salas de aula multilíngues e metodologias de pesquisa etnográfica.

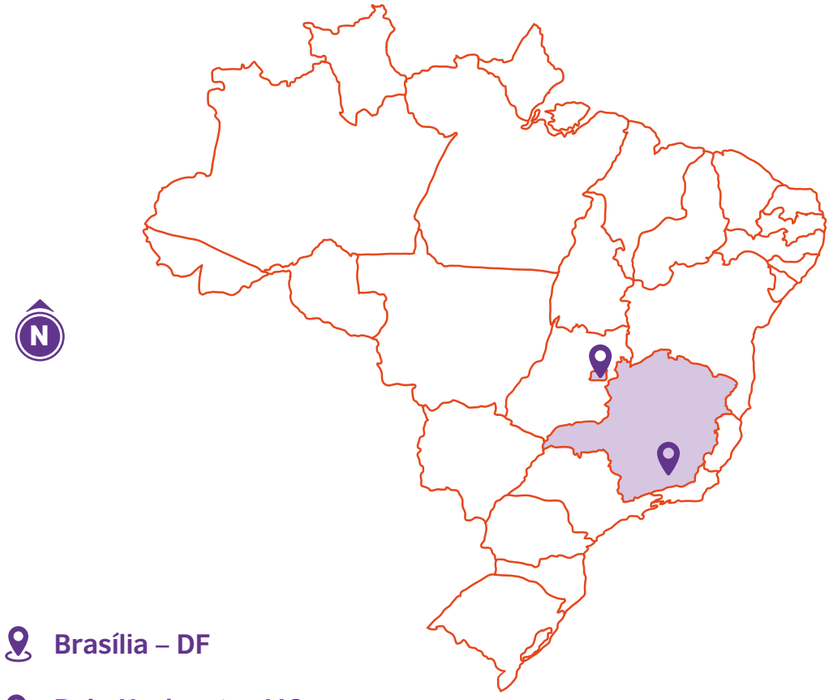
Dra. Izabel Magalhães é professora associada do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. É uma experiente pesquisadora nas áreas de análise de discurso e letramento, responsável por diversos projetos de pesquisa conduzidos com financiamento do CNPq. Pesquisou temas relacionados às identidades de gênero, à comunicação entre profissionais de saúde e pacientes e à educação especial e de adultos. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, tem livros e artigos publicados no Brasil e no exterior.

DEMAIS COLABORAÇÕES

- Dra. Ana Souza, professora visitante do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.
- Dra. Andrea Machado de Almeida Mattos, professora associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Dr. Gilcinei Carvalho, professor adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Dra. Eleni Mariou, professora de Linguística Educacional na Escola de Educação da Universidade de Birmingham e membro do *MOSAIC Group for Research on Multilingualism*.
- Dra. Elizabeth Chilton, professora de Língua, Letramento e Educação na Escola de Educação da Universidade de Birmingham e membro do *MOSAIC Group for Research on Multilingualism.*

Paisagens de língua e letramento em mudança nas universidades brasileiras: O inglês no desenvolvimento da política e da prática linguística

Foco: Compreender como as políticas linguísticas evoluem e se desenvolvem em duas instituições de ensino superior, além de observar como o uso da linguagem na produção de textos online e offline está vinculado a este processo
Instituições do Brasil: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade de Brasília (UnB)
Instituição do Reino Unido: Universidade de Birmingham
Quando: Dezembro de 2018 a agosto de 2019
Onde: Belo Horizonte, Minas Gerais, e Brasília, Distrito Federal
Número de participantes envolvidos: 26 (incluindo professores e funcionários das duas universidades)
Financiamento: £ 18.471,65 - UFMG £ 706,93; UnB £ 928,85; Universidade de Birmingham £ 4.200; CNPq £ 2.635,87; British Council £ 10.000



Brasília – DF

Belo Horizonte– MG

Paisagens de língua e letramento em mudança nas universidades brasileiras: O inglês no desenvolvimento da política e da prática linguística

Universidade de Brasília

Universidade Federal de Minas Gerais

Universidade de Birmingham

IV. O que você precisa para ensinar inglês acadêmico?

A pesquisa aborda as necessidades percebidas pelos professores de Inglês para Fins Acadêmicos para a melhoria e desenvolvimento de sua prática pedagógica

RESUMO

O estudo e a prática do Inglês para Fins Acadêmicos (EAP) oferece à comunidade acadêmica ferramentas para melhorar a comunicação científica internacional. Existem, no entanto, muitas lacunas no conhecimento sobre a formação e as necessidades de professores quando se trata de ensino de inglês acadêmico. Que conjunto de habilidades, experiências e conhecimento a instrução de EAP exige dos professores? Quais desafios os professores novatos têm na área? Estas foram algumas das perguntas que o projeto de pesquisa **Facilitando a internacionalização nos contextos do ensino superior brasileiro: desenvolvimento de experiência no ensino de Inglês Para Fins Acadêmicos** (*Facilitating Internationalisation in Brazilian Higher Education contexts: Developing expertise in teaching English for Academic Purposes*) buscou responder. A colaboração desenvolvida entre janeiro e julho de 2019 foi liderada pela Dra. Marília Ferreira (Universidade de São Paulo - USP) e pela Dra. Carole MacDiarmid (Universidade de Glasgow), abrangendo entrevistas com 18 professores de EAP da USP com o objetivo de explorar suas experiências. O intuito foi sugerir mudanças no currículo do curso de graduação em Inglês e na formação de professores de EAP na universidade.

Quais são as necessidades dos professores em relação ao inglês acadêmico?

A internacionalização no ensino superior trouxe consigo o uso crescente do inglês para comunicação acadêmica por parte de especialistas e alunos. Ao mesmo tempo, aumentou a necessidade de dar suporte à comunidade acadêmica no uso de Inglês para Fins Acadêmicos (EAP).

No entanto, nos campos do ensino da língua inglesa e da linguística aplicada, ainda falta um conhecimento amplo das necessidades dos professores que trabalham com EAP em muitos países, incluindo o Brasil. Programas bem estruturados de formação de professores em EAP não são desenvolvidos por causa dessa lacuna.

No Brasil, as pesquisas sobre o EAP começaram na década de 1990 e, recentemente, estudos foram realizados em universidades no contexto do programa Idiomas Sem Fronteiras (IsF). Alguns estudos exploraram a formação de professores, mas parecem entender a formação em EAP da mesma forma que a do inglês geral. Um artigo de 2015 dos Drs. Adriana Dellagnello, Leonardo da Silva e Nara Rocha da Universidade Federal de Santa Catarina apresentou o EAP relacionado ao inglês geral voltado à aprendizagem do aluno e formação do professor. Em seu estudo, eles discutem as experiências de dois professores que fazem parte do programa IsF em Santa Catarina e compartilham visões sobre sua formação e prática em sala de aula. Eles se basearam no conhecimento prévio dos alunos sobre o inglês geral do cotidiano como uma porta de entrada para o EAP, por exemplo, mostrando que essas modalidades de ensino de línguas podem estar profundamente entrelaçadas.

Outras perspectivas teóricas para a análise da formação de professores de EAP incluem percepções sobre diferentes metodologias de ensino de inglês como uma abordagem comunicativa. Estudos sobre o EAP também analisaram, por exemplo, desenvolvimento de materiais e a identidade docente. Contudo, apesar desses estudos no contexto do IsF explorarem áreas importantes, mais ações são necessárias considerando as complexidades e conceitos do EAP.

Isso levou a Dra. Marília Mendes Ferreira, da Universidade de São Paulo (USP), a desenvolver um projeto para explorar as especificidades da formação de professores de inglês acadêmico. O primeiro passo foi descobrir como os próprios instrutores de EAP veem a área e suas necessidades. “Há muita discussão sobre internacionalização, mas há uma questão básica: se não tivermos professores bem formados que estejam cientes da função que a língua inglesa desempenha em uma universidade que quer se tornar mais internacional, o objetivo fica mais difícil de alcançar”, diz ela. Políticas de ensino superior, a Dra. Ferreira continua, necessariamente precisam incluir a formação desses profissionais, “e isso não se trata apenas de como melhorar a proficiência do aluno para passar em exames, não se trata apenas de inglês geral”.

Para a Dra. Carole MacDiarmid, diretora de EAP na Universidade de Glasgow (Reino Unido) e parceira do estudo, a pesquisa é altamente relevante porque a demanda pelo domínio do inglês acadêmico está aumentando globalmente. A internacionalização das instituições de ensino superior está se expandindo, mas há pouca pesquisa sobre as necessidades dos professores de EAP no mundo todo. "Esperamos que este estudo ajude com informações para concepção de cursos de formação de professores de EAP, que são muito poucos. Então é muito importante ter um quadro claro das necessidades de inglês acadêmico e dos professores em diferentes contextos", diz ela.

> ***"Aprendi como posso ajudar os alunos a produzirem seus próprios textos e adquirirem habilidades que podem ser transferidas para diferentes gêneros, em vez de fornecer apenas informações vazias focadas na produção de um único aluno"***
> ***Daniela de Jesus Carvalho, USP***

Como a pesquisa foi realizada

No total, 18 participantes foram entrevistados e questionados sobre como eles enxergam e entendem suas necessidades relacionadas ao ensino de inglês acadêmico. Eles todos lecionam na USP, em quatro programas de EAP diferentes, e têm experiência variada com o ensino de EAP. A maioria dos participantes são estudantes de pós-graduação com pouca experiência em publicação.

Os participantes foram reunidos em grupos focais de três ou quatro e foram questionados sobre os desafios que enfrentam na transição para o ensino de EAP, bem como sobre as habilidades, conhecimentos e experiências que julgaram necessários para enfrentar tais desafios. Eles também receberam instruções, por exemplo, sobre aspectos incluídos no quadro de competências BALEP para professores de EAP (2008).

As entrevistas duraram cerca de uma hora cada e foram posteriormente transcritas para análise. Temas foram gerados a partir das entrevistas transcritas como, por exemplo, sobre qual aspecto linguístico o professor estava falando: era sobre discurso ou a própria gramática? Como eles enxergaram o papel do conhecimento disciplinar? Que habilidades de ensino prático eles precisavam e o que sabiam sobre as necessidades do aluno?

Algumas descobertas

Uma das descobertas mais importantes foi como o conhecimento especializado é importante aos professores de EAP e o quanto isso é desafiador. As experiências dos próprios professores do estudo acadêmico também foram importantes, já que isso os ajudou a entenderem as necessidades do aluno. Outra descoberta do estudo foi que, para este grupo de professores participantes, o vocabulário e a gramática são elementos tão importantes à sua prática quanto a estrutura e organização de textos acadêmicos. Mas eles também consideram seus papéis na assistência aos alunos na expressão de ideias. Isso frequentemente se relaciona não apenas ao uso da língua dentro da própria sala de aula, mas também ao efeito desta prática na identidade dos professores.

A Dra. Ferreira sugere que existem alguns desafios que professores de inglês acadêmico enfrentarão e que os de inglês geral provavelmente não irão, como as questões relacionadas às especificidades de assuntos muito díspares que os professores de EAP devem lidar. Os professores entrevistados reconheceram que não é realista ter uma profunda compreensão de diferentes áreas do conhecimento. Trabalhar com alunos como fonte de conhecimento específico e vocabulário é, segundo os participantes, uma forma para enfrentar este desafio.

"Deveria haver mais pesquisas sobre a transição do inglês geral para o ensino de EAP e como isso se relaciona com a identidade do professor, já que o professor não é mais aquele que retém todo o conhecimento. O professor domina a língua, mas os alunos são os especialistas em suas áreas específicas", diz a Dra. Ferreira.

Algumas questões de identidade emergem dessa tensão, ela continua. Como professores e alunos podem colaborar para ajudarem uns aos outros? Como os professores podem aproveitar e canalizar ao máximo o conhecimento de seus alunos? Qual é o papel dos professores quando eles não detêm conhecimento em áreas específicas? A pesquisa não responde essas perguntas, Dra. Ferreira aponta, mas revela a necessidade de se investigar esses temas.

A pesquisa também explora a noção de como os professores percebem a língua com que trabalham. O EAP, alerta a Dra. Ferreira, não é o mesmo que o inglês geral e tem muitas especificidades que os livros de Inglês geral não transmitem. Também não é apenas um simples caso de tradução do inglês para o português.

"Há uma lacuna entre o uso de uma língua materna em contextos coloquiais e na academia, o discurso acadêmico é desafiador tanto para nativos quanto para não nativos de uma determinada língua", diz a pesquisadora.

Experiência pessoal com redação acadêmica, nesse sentido, foi o elemento de maior impacto nas percepções dos professores sobre o quão desafiador o ensino de EAP pode ser: quanto mais experiência de escrita eles tinham, mais preparados eles se sentiam para a instrução de alunos em EAP e para ajudá-los a transmitirem significado e expressarem ideias.

Com base nessas descobertas, as pesquisadoras produziram o *Resources for English for Academic Purposes teacher education*, um e-book que resume os principais desafios identificados na pesquisa e que fornece ferramentas para professores de EAP. A publicação está disponível no site do British Council Brasil em www.britishcouncil.org.br/en/ukbrazil-englishcollaboration-cal.

Percepções da comunidade

A pesquisa também levantou algumas questões que fizeram os participantes pensarem em suas práticas diárias como professores de EAP.

Daniela de Jesus Carvalho, doutoranda em Inglês pela USP, diz que a pesquisa a fez pensar sobre sua prática como tutora do Laboratório de Escrita Acadêmica da USP (LLAC) e professora de ensino superior em relação à gama de tópicos que ela deve ter em mente ao analisar o texto de um aluno. “Aprendi como posso ajudar os alunos a produzirem seus próprios textos e adquirirem habilidades que podem ser transferidas para diferentes gêneros, em vez de fornecer apenas informações vazias focadas na produção de um único aluno”, diz ela.

Mais do que isso, Carvalho também percebeu “a necessidade de estudar o letramento acadêmico em contextos anglófonos mais profundamente”, o que, no final, a motivou a desenvolver parte de sua pesquisa de doutorado na Universidade da Califórnia, Santa Bárbara, em 2019. A professora de inglês Gabriella Pavesi enfatizou que os grupos focais do projeto forneceram espaço para os instrutores compartilharem suas experiências. “Para mim, foi muito produtivo notar o quão semelhante nossas observações foram e, também, para aprender com nossas diferenças. Certamente contribuiu para o meu desenvolvimento como professora. Conforme refletimos sobre nossas experiências compartilhadas, eu pude repensar como melhorar minha prática”, diz Pavesi.

Conexão Brasil-Reino Unido

A **UK-Brazil English Collaboration Call** promoveu o vínculo entre as pesquisadoras que não se conheciam antes de trabalharem juntas neste estudo. A Dra. Carole MacDiarmid explicou como um colega da Universidade de Glasgow, que tinha visitado a USP, colocou-a em contato com a Dra. Ferreira quando a chamada foi anunciada.

A colaboração entre as universidades de Glasgow e São Paulo foi muito interessante e útil, explica a Dra. MacDiarmid. “Um conhecimento mais amplo sobre um diferente contexto de EAP, sobre qual eu sabia muito pouco, assim como as necessidades variadas dos professores, serão capazes de ajudar a fomentar os cursos de EAP ministrados aqui em Glasgow. Isso também vai melhorar o desenvolvimento de atividades profissionais de EAP que os professores podem fazer sozinhos”, diz ela.

> ***“Deveria haver mais pesquisas sobre a transição do inglês geral para o ensino de EAP e como isso se relaciona com a identidade do professor, já que o professor não é mais aquele que detém todo o conhecimento. O professor domina a língua, mas os alunos são os especialistas em suas áreas específicas”***
> ***Dra. Marília Ferreira, USP***

A Dra. Marília Ferreira também considera a parceria como muito bem-sucedida. “Nós tivemos várias reuniões pelo Skype para debater possíveis abordagens para uma proposta antes de concordarmos com essa”, diz ela. “Vimos que havia uma lacuna nesta área que poderia eventualmente ser atraente para o financiamento e, aqui na USP, diferentes perfis de professores estiveram envolvidos no ensino de EAP”.

Ambas as pesquisadoras enxergam espaço para expansão da parceria facilitada pelo projeto de pesquisa. “Nós queremos manter essa colaboração e estamos à procura de editais de financiamento no próximo ano”, diz a Dra. Ferreira.

Próximos passos

Em relação aos planos para o futuro, as pesquisadoras apresentarão os resultados em conferências internacionais. Elas também querem explorar o desenvolvimento do professor de EAP com mais profundidade em um projeto, estendendo o número de participantes ou o número de universidades brasileiras envolvidas. “Não discutimos os detalhes ainda, mas estamos pensando em investigar questões sobre a identidade dos professores e suas relações com suas disciplinas de ensino - existem necessidades para uma ampliação do conceito de linguagem em si”, observa a Dra. Ferreira.

A Dra. MacDiarmid acrescenta que elas esperam desenvolver o projeto, ampliando a investigação para uma gama mais ampla de contextos “e possivelmente explorar a oferta de desenvolvimento de professores de EAP e a elaboração de cursos”.

PESQUISADORAS PRINCIPAIS

Dra. Marília Mendes Ferreira é professora associada do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo. Tem pesquisado letramento acadêmico em inglês por mais de uma década e ofertado cursos de escrita acadêmica para a graduação e pós-graduação na USP; e criou o Laboratório de Letramento Acadêmico da USP (LLAC).

Dra. Carole MacDiarmid é diretora de Inglês para Fins Acadêmicos na Unidade de Estudo da Escola de Línguas Modernas e Culturas na Universidade de Glasgow. É especialista em formação de professores e ministra cursos de pós-graduação em ensino Inglês para Fins Acadêmicos na Universidade de Glasgow.

LEITURA ADICIONAL

BALEAP. (2008). Competency framework for teachers of English for academic purposes. Disponível em https://www.baleap.org/wp-content/uploads/2016/04/teap-competency-framework.pdf

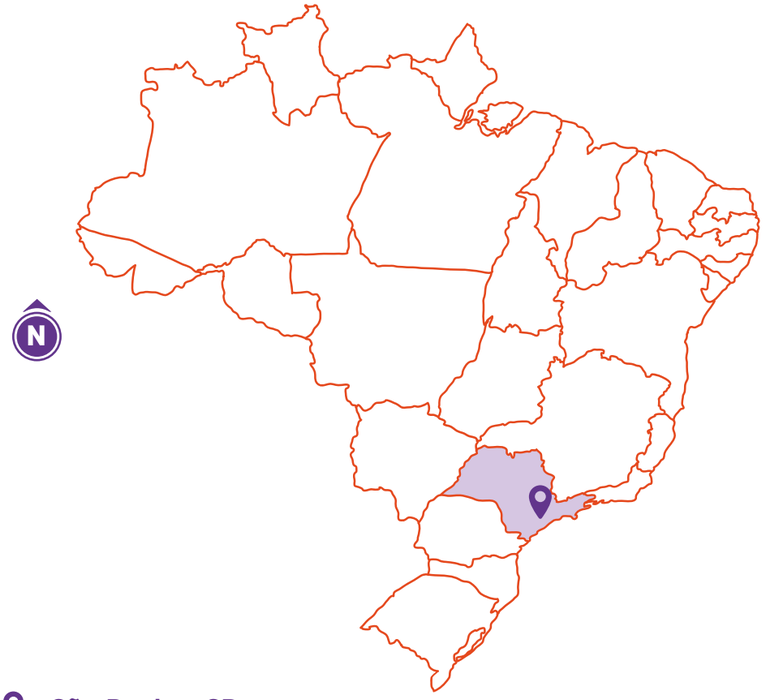
DELLAGNELLO, A., DA SILVA, L, DA ROCHA, NV (2015). Para Além do Conceito Cotidiano: a concepção de atividades de ensino-aprendizagem com vistas à (re)conceitualização de apresentações acadêmicas. BELT, 6 (edição especial), 50–61.

GUIMARÃES, RM, BARÇANTE, M, SILVA, VD (2014). A natureza do ensino de línguas para fins específicos (ELFE) e as possibilidades de Aquisição/aprendizagem de línguas. Revista Contexturas, 23, 62–80.

KIRSCH, W, SARMENTO, S (2018). Stories of professional development in Brazilian Languages Without Borders Program. BELT, 9(1), 115–132.

Facilitando a internacionalização nos contextos do ensino superior brasileiro: desenvolvimento de experiência no ensino de Inglês Para Fins Acadêmicos

Foco: Compreender a atitude dos professores de inglês em relação ao Inglês para Fins Acadêmicos, além dos desafios e necessidades percebidos na área
Instituição do Brasil: Universidade de São Paulo (USP)
Instituição do Reino Unido: Universidade de Glasgow
Quando: Janeiro a julho de 2019
Onde: Cidade de São Paulo
Número de participantes envolvidos: 18 (incluindo professores de línguas, alunos instrutores – graduandos e graduados – e um coordenador do programa)
Financiamento: £ 12.571,67 – USP £ 1.820; Universidade de Glasgow £ 751,67; British Council £ 10.000.



São Paulo – SP

Facilitando a internacionalização nos contextos do ensino superior brasileiro: desenvolvimento de experiência no ensino de Inglês Para Fins Acadêmicos

Universidade de São Paulo

Universidade de Glasgow

V. EMI e a perspectiva do inglês como lingua franca

Esta pesquisa teve como objetivo compreender as percepções de membros da comunidade acadêmica de duas universidades do Paraná sobre as práticas e políticas relacionadas ao Inglês como Meio de Instrução (EMI) e como essas percepções se relacionavam com a visão de inglês como lingua franca

RESUMO

Quando se trata de internacionalização do ensino superior, diferentes instituições têm distintos pontos de vista e maneiras de implementar políticas linguísticas, especialmente relacionadas ao EMI. Porém, como isso acontece? Quais são as atitudes em relação ao EMI nas universidades e quais são alguns dos desafios para sua implementação? O projeto **Inglês como Meio de Instrução em duas instituições de ensino superior estaduais brasileiras a partir da perspectiva do inglês como lingua franca: política na prática** (*English as a Medium of Instruction in two state-funded Brazilian higher education institutions from an English as a lingua franca perspective: policy in practice*) buscou responder essas perguntas em duas instituições do estado do Paraná: a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a Universidade Estadual de Maringá (UEM). O estudo foi realizado de fevereiro a julho de 2019 em colaboração com a Goldsmiths, University of London, e abordou políticas, atitudes e práticas do EMI, entrevistando gestores, professores de pós-graduação e seus alunos. O trabalho mostrou que existem políticas para o EMI em vigor em ambas as universidades, mas as atividades são conduzidas principalmente por docentes e estudantes da pós-graduação stricto sensu, com pouco direcionamento institucional. Também constatou que a visão em relação ao EMI é bastante positiva, visto que o inglês é considerado a língua da ciência, mas o grupo de pesquisadoras destaca a importância de levar em conta uma visão crítica em relação ao EMI. Mais consciência nesse sentido pode ajudar a superar obstáculos para sua implementação, especialmente se seu ensino for orientado para a comunicação em vez de voltado para o idioma ou para o conteúdo.

Políticas e práticas linguísticas em ação

O EMI tem sido amplamente adotado como uma das estratégias de internacionalização das instituições de ensino superior. Sua difusão está crescendo no Brasil, mas pouco se sabe sobre o que impulsiona as políticas institucionais para o EMI e como os alunos, acadêmicos e gestores das universidades brasileiras as interpretam. Não há um estudo aprofundado no país a respeito disso, segundo recente pesquisa internacional da área. A fim de contribuir para a expansão e aprofundamento desse conhecimento, o estudo **Inglês como Meio de Instrução em duas instituições de ensino superior estaduais brasileiras a partir da perspectiva do inglês como lingua franca: política na prática** foi desenvolvido pelas Dras. Telma Gimenez e Michele El Kadri (Universidade Estadual de Londrina - UEL) e Luciana Calvo (Universidade Estadual de Maringá - UEM) em colaboração com a Dra. Alessia Cogo (Goldsmiths, University of London).

A equipe também considerou que o inglês é percebido como a língua acadêmica no contexto brasileiro, assim como em muitos outros ao redor do mundo, mas ainda há poucas pesquisas sobre os benefícios e as potenciais implicações da perspectiva do Inglês como Lingua Franca (English as a Lingua Franca – ELF) no ensino de EMI. Essa perspectiva "problematiza a centralidade das ideologias de língua padrão e as normatividades decorrentes da aceitação inquestionável das normas dos falantes nativos", conforme as pesquisadoras escrevem em seu relatório.

O desenvolvimento da pesquisa em duas universidades estaduais brasileiras também agrega relevância ao estudo. A Dra. Gimenez explica que as universidades federais são maioria entre as instituições que indicaram ter oferta de disciplinas em inglês, segundo o *Guide to English as a Medium of Instruction in Brazilian Higher Education Institutions 2018-2019* do British Council em parceria com a Faubai (que apresentou um panorama do cenário de atividades de ensino em inglês nas universidades brasileiras). A UEM e a UEL são bem-conceituadas no Paraná e têm diversas colaborações com a Goldsmiths, University of London, além de se dedicarem a estudos sobre políticas relacionadas à internacionalização e usos do inglês. Afirmam as pesquisadoras: "Queríamos explorar o que impulsiona o uso do EMI em contextos onde a grande maioria dos alunos é brasileira e fala português, com um número muito pequeno de estudantes vindos do exterior. Muitos membros da comunidade acadêmica veem nessa prática uma oportunidade para aprimorar suas habilidades linguísticas em um ambiente de uso significativo", diz a Dra. Gimenez, "ainda que o foco do EMI seja principalmente a aprendizagem disciplinar e não o idioma em si."

Como a pesquisa foi realizada

As pesquisadoras contataram muitos membros da comunidade acadêmica em ambas as universidades, incluindo gestores, professores de pós-graduação com algum envolvimento com o EMI e seus alunos, totalizando 114 participantes no estudo.

Alguns alunos de pós-graduação participaram de grupos focais e alguns professores que estavam trabalhando com o EMI em suas aulas registraram suas opiniões em entrevistas semiestruturadas. Um outro grupo de participantes fez parte de workshops realizados na UEM e na UEL para compartilharem suas percepções, e outros responderam questionários online. A equipe também fez observações em sala de aula e um workshop para auxiliar na interpretação dos dados.

Ao adotar esses procedimentos, as pesquisadoras queriam abordar políticas, atitudes e práticas, incluindo as percepções sobre o contexto institucional do idioma relacionadas ao inglês e como o EMI se encaixa neles, bem como os conjuntos de ideias - ou ideologias linguísticas - que promovem as políticas de EMI em ambas as universidades. A pesquisa incluiu aprendizado sobre as atitudes dos alunos e professores em relação ao EMI, os desafios que eles identificam ao implementá-lo e como eles percebem os papéis do inglês e do português na sala de aula. Para obter uma compreensão mais ampla da política linguística nas instituições, as pesquisadoras também analisaram documentos na UEM e na UEL.

A pesquisa ocorreu de fevereiro a julho de 2019 e, como informa a Dra. Gimenez, foi principalmente um estudo exploratório, sem a intenção de ser exaustivo. Foi particularmente desafiador coletar informações sobre quem está trabalhando com o EMI nas universidades porque "as instituições estão em um estágio muito inicial de coleta de informações sobre internacionalização e tal conteúdo não está em um só lugar e nem todos os professores que trabalham com EMI registram o que estão fazendo", diz a pesquisadora. A equipe então usou as informações anteriores que tinha e contatou mais participantes em um workshop que ocorreu em ambas as instituições. Referências de colegas também foram importantes.

O estudo aponta que, apesar do EMI ter uma avaliação majoritariamente positiva, muitos professores também estão preocupados sobre aprofundamento de desigualdades como uma potencial consequência negativa.

Alguns resultados

A equipe observou que ambas as universidades têm políticas linguísticas específicas para apoiar práticas de internacionalização. No entanto, uma delas tem uma tradição mais forte de implementação do EMI (e isso pode explicar o motivo de ter mais cursos ministrados em inglês) do que a outra. Ambas as instituições planejam oferecer mais cursos de pós-graduação usando o EMI em breve, pois veem essa prática fortemente ligada à internacionalização, visibilidade e reputação internacional. Para a Dra. Michele El Kadri, essa percepção institucional foi uma das maiores descobertas da equipe. "Os gestores estão começando a reconhecer a importância dos programas de EMI, o que levou a um aumento no número de cursos oferecidos em inglês", diz a Dra. El Kadri.

Outro achado importante da investigação é que os participantes estão mais interessados em se comunicarem, do que nos aspectos linguísticos formais do idioma. "Eles estão mais preocupados em expor suas ideias de maneira inteligível do que alcançar precisão linguística,", diz a Dra. Gimenez. Dar aulas em inglês, ela continua, está relacionada a outras atividades, como escrever artigos, assistir e dar palestras em ambientes internacionais. "Os professores querem que seus alunos se acostumem a empregar o inglês, para que não tenham dificuldades em participar de seminários e escrever artigos. Inglês é percebido como uma ferramenta de comunicação acadêmica", observa ela.

Nesse sentido, acrescenta a Dra. Michele El Kadri, a consciência do inglês como lingua franca pode contribuir para superar os obstáculos no uso do EMI quando o foco está na comunicação e não nos aspectos linguísticos. Isso alimenta a noção de que é possível misturar um pouco de português com inglês por uma questão de inteligibilidade - e isso é perfeitamente aceitável. "Nosso estudo nos permitiu ir além da noção do EMI como centrado em um idioma ou conteúdo, quando algumas questões relacionadas a esses parâmetros podem ser resolvidas com o foco na comunicação", diz ela.

Por outro lado, não há muito incentivo para professores que queiram adotar o EMI em termos práticos. "Os professores não têm carga horária para prepararem suas aulas em EMI nem têm mais chance de obter estabilidade, nem mesmo recebem pagamento adicional como resultado do uso do EMI. Há uma percepção geral de falta de apoio institucional concreto", diz a Dra. El Kadri.

Analisando tais percepções, a equipe também aponta uma falta geral de compreensão crítica em relação ao fenômeno do EMI como um todo, o impacto que tem em contextos e instituições, além das ideologias linguísticas para as quais pode contribuir. A difusão do inglês no ambiente acadêmico deve-se ao fato de que os participantes consideram natural que "uma boa pesquisa seja escrita em inglês". Esse conjunto de ideias, ou ideologia linguística, cria uma percepção de hierarquia entre as línguas "onde o inglês tem um status superior, enquanto o português e o espanhol (a outra língua que os estudantes internacionais costumam usar em instituições de ensino superior brasileiras) são considerados inviáveis para o trabalho científico", escrevem as autoras. A equipe descobriu que, apesar do EMI ter uma avaliação majoritariamente positiva, muitos professores também estão preocupados com o aprofundamento de desigualdades como uma potencial consequência negativa.

Percepções da comunidade

A pesquisa estimulou os participantes a pensarem em diferentes formas de utilizar o inglês como ferramenta de comunicação em suas aulas e atividades acadêmicas, mesmo aqueles que já estavam familiarizados com o conceito. Uma delas foi a Dra. Sandra Schiavi, professora e assessora do Escritório de Cooperação Internacional da UEM, que trabalha com o EMI desde que participou de um workshop de formação em 2016 e, atualmente, ministra três disciplinas em inglês nos cursos de graduação em Economia e Administração.

Ela reconhece que considerar o inglês como uma lingua franca muda muitas coisas na comunicação dentro da sala de aula. "Nossos alunos e professores normalmente temem usar o inglês, mas permitir o uso do português em conjunto ajuda a quebrar o tabu da língua estrangeira", diz a Dra. Schiavi.

A ênfase na adoção de metodologias ativas no uso do EMI também foi um aspecto importante da pesquisa para ela. No Escritório de Cooperação Internacional, a Dra. Schiavi observa que muitos professores são incentivados a adotarem o EMI após terem participado de um curso ou workshop em que viram demonstrações de metodologias. "Então eles entendem que usar o EMI é realmente mais simples do que parece. Normalmente digo que usar uma língua estrangeira não é uma questão de status, mas de comunicação".

Embora a comunicação eficaz não exija proficiência especializada, a Dra. Schiavi aponta que a fluência no idioma ainda é uma barreira para a internacionalização, seja por razões técnicas (conhecimento linguístico) ou culturais. Línguas estrangeiras, ela diz, ainda são vistas como tabu na academia. Nesse sentido, ela espera que a participação da UEM no Laboratório de Internacionalização do *American Counci on Education*, para o qual foi recentemente selecionada, possa ajudá-los a "trabalhar com a internacionalização de uma forma abrangente, superando as barreiras linguísticas para alavancar outros aspectos, impulsionando mais práticas de EMI". Assim, outras atividades serão baseadas em iniciativas como esta pesquisa, ela conclui.

Conexão Brasil-Reino Unido e próximos passos

A parceria entre a UEL e a UEM em pesquisas e práticas de ensino de inglês vem de mais de uma década. As Dras. Gimenez, El Kadri e Calvo trabalharam em vários outros projetos e iniciativas nos últimos anos. A parceria com a Goldsmiths, University of London foi o novo elemento trazido por este estudo e funcionou particularmente bem, afirma a Dra. Luciana Calvo.

A Dra. Cogo considera a parceria com as colegas brasileiras especialmente relevante para as pesquisas que desenvolve no Reino Unido. A pesquisadora é especialista na diversidade linguística do inglês e em como o idioma se diversifica pelo mundo dependendo do contexto em que é usado, principalmente em ambientes de aprendizagem. "Esta pesquisa acrescentou outro contexto - o Brasil - que eu já conhecia, embora não com o EMI nas instituições brasileiras. O estudo também é muito importante porque a pesquisa sobre o EMI está começando no Brasil e foi particularmente encorajador ver os resultados que obtivemos", diz ela.

"Um aspecto interessante que pudemos notar", diz a Dra. Cogo, "foi que as iniciativas do EMI que observamos são realmente de base, iniciadas por professores que queriam internacionalizar suas aulas e ajudar seus alunos nesse sentido. As ações são mais impulsionadas por docentes e estudantes interessados, mais do que por instituições."

O cenário é radicalmente diferente do que ela observou na Ásia, por exemplo, onde as ações de EMI são moldadas por uma abordagem de cima para baixo. Em países asiáticos, o EMI é realmente difundido de forma ampla as iniciativas são muito institucionais, diz ela, e as universidades fornecem forte apoio e publicidade aos programas, bem como acordos com várias instituições internacionais e campi inteiros que funcionam por meio do inglês: "Não quero dizer que uma forma seja melhor do que a outra; na verdade, sou totalmente crítica das abordagens de cima para baixo. No entanto, acho que as totalmente ascendentes também são muito difíceis de manter. Para que o EMI seja bem-sucedido, é necessário algum investimento institucional e esta é uma das recomendações que fazemos", diz ela.

> ***"A perspectiva do inglês como uma lingua franca desafia as noções de que é necessário ter 'habilidades perfeitas de inglês' e de que apenas os padrões do falante nativo são aceitáveis"***
> ***Dra. Luciana Calvo, UEM***

Próximos passos

A equipe planeja desenvolver mais estudos em conjunto, com base no que eles alcançaram com a pesquisa **Inglês como Meio...**. "Não queremos necessariamente replicar este estudo, mas queremos expandi-lo com uma abordagem etnográfica, analisando as aulas de professores que lecionam em inglês. Para essa análise, utilizaríamos as lentes da perspectiva do Inglês como Lingua Franca (ELF). Neste projeto, focamos nas perspectivas, visões e atitudes das pessoas da comunidade acadêmica em relação ao EMI, mas não analisamos realmente as práticas", diz a Dra. Calvo. "Nossa intenção agora é observar as práticas de professores e alunos, queremos examinar estratégias, técnicas e recursos que os professores usam ao dar aulas usando EMI, bem como os desafios que os estudantes enfrentam ao assistirem a essas aulas", ela continua.

As pesquisadoras pretendem manter o foco no ELF e no EMI por considerarem uma perspectiva relevante para a discussão de língua no debate da internacionalização universitária. O EMI se tornou cada vez mais presente e "a perspectiva do ELF contribui para a reflexão da comunidade acadêmica sobre ideologias linguísticas e para a compreensão de outros aspectos relacionados à linguagem", observa a Dra. Calvo. O ELF lança luz sobre questões como o que significa ter "habilidades perfeitas de inglês", e o que define o padrão do falante nativo ou se o uso do português deve ser necessariamente proibido nas aulas de inglês. "A perspectiva do inglês como lingua franca desafia essas noções", aponta a Dra. Calvo.

Desde o final da pesquisa, a equipe tem participado de eventos para divulgar alguns dos resultados. Houve uma apresentação oral no Grupo de Pesquisa em Multilinguismo da Goldsmiths em junho de 2019 e outra na segunda edição do seminário *Brazilian English as a Medium of Instruction* (BEMIS2), realizado em outubro de 2019, em São Paulo. Também está prevista a submissão de um artigo ao *Journal of English as a Lingua Franca* e à Revista Brasileira de Linguística Aplicada em 2020. As pesquisadoras também apresentaram o estudo durante o evento *UK-BR Internationalisation of Higher Education and Language Polices*, promovido pelo British Council, de 27 a 31 de janeiro de 2020. O programa incluiu um seminário, um workshop, encontros e visitas às universidades no Reino Unido.

LEITURA ADICIONAL

GIMENEZ, T, SARMENTO, S, ARCHANJO, R, ZICMAN, R, FINARDI, K. (2018). Guide to English as a medium of instruction in Brazilian Higher Education institutions 2018-2019. São Paulo: British Council.

GIMENEZ, T (Org.), EL KADRI, MS (Org.), CALVO, L (Org.). (2018). English as a lingua franca in teacher education: a Brazilian perspective. 1. ed. New York: de Gruyter Mouton. v. 1. p. 242

COGO, A. (2015). English as a Lingua Franca: Descriptions, domains and applications. In H Bowles, A Cogo (eds), International Perspectives on English as a Lingua Franca: Pedagogical Insights. London: Palgrave, 1–12.

PESQUISADORAS PRINCIPAIS

Dra. Telma Nunes Gimenez atua no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. É especialista no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, na formação de professores e tem desenvolvido pesquisas sobre Inglês como Lingua Franca ao longo de quase duas décadas.

Dra. Michele El Kadri é professora adjunta do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina. É especialista em Linguística Aplicada e entre suas áreas de pesquisa estão a formação de professores e mudanças de ideologia e identidade ao longo do processo educacional.

Dra. Luciana Calvo é professora adjunta do Departamento de Letras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). É especialista em formação de professores, ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Coordenou o Projeto de Inglês do Programa Institucional de Bolsa à Iniciação à Docência na UEM.

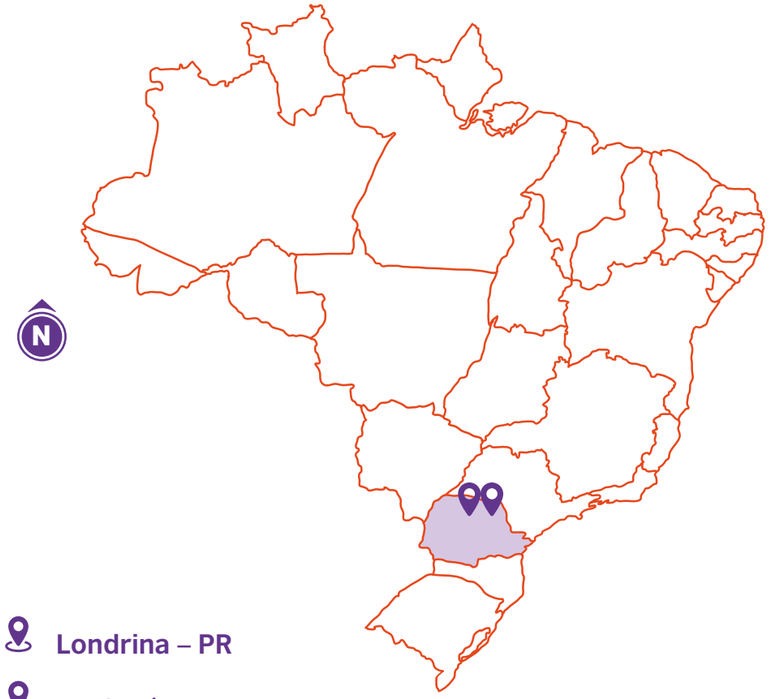
Dra. Alessia Cogo é professora associada de Linguística Aplicada/ Sociolinguística na Goldsmiths, University of London, onde coordena o mestrado em Multilinguismo, Linguística e Educação. Ela pesquisa a diversidade do inglês, especialmente fenômenos transculturais como o inglês como lingua franca.

DEMAIS COLABORAÇÕES

- Leonardo Amaral, Henrique Rodrigues de Oliveira, Izabela Margonar and Thaís Stelzer – Graduandos do curso de Inglês da UEL.
- Vanessa Bragança and Débora Monteiro – Professoras de Inglês e Bolsistas do Programa Paraná Fala Inglês.

Inglês como Meio de Instrução em duas instituições de ensino superior estaduais brasileiras a partir da perspectiva do inglês como lingua franca: política na prática

Foco: Compreender como o EMI se encaixa nas políticas linguísticas das universidades estaduais de Londrina (UEL) e Maringá (UEM) e quais são as atitudes de gestores, docentes e alunos em relação a ele
Instituições do Brasil: Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Instituição do Reino Unido: Goldsmiths, University of London
Quando: Fevereiro a julho de 2019
Onde: Londrina e Maringá, PR
Número de participantes envolvidos: 114, incluindo administradores, professores de pós-graduação envolvidos com o EMI e seus alunos da UEM e UEL
Financiamento: £ 9.915 - Fundação Araucária £4.000; British Council £5.915



Londrina – PR

Maringá – PR

Inglês como Meio de Instrução em duas instituições de ensino superior estaduais brasileiras a partir da perspectiva do inglês como lingua franca: política na prática

Universidade Estadual de Londrina

Universidade Estadual de Maringá

Goldsmiths, University of London

VI. Internacionalização vai além de aulas em inglês

Esta pesquisa explorou as percepções da comunidade acadêmica sobre o que é preciso para internacionalizar

RESUMO

Embora o Inglês como Meio de Instrução (EMI) seja um fenômeno crescente que contribui para a internacionalização de universidades no mundo e no Brasil, pouca atenção tem sido dada ao desenvolvimento profissional. O projeto **Formação em EMI para professores universitários: uma potencial ferramenta para a internacionalização** (*EMI training for university professors: a potential tool for internationalisation*) se aprofunda neste tema nas universidades que participam do programa Paraná Fala Idiomas, no estado do Paraná. A pesquisa foi realizada de novembro de 2018 a agosto de 2019 e envolveu 59 participantes, entre professores, alunos, reitores e demais docentes, de sete instituições estaduais. O estudo coordenado pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) contou com a colaboração do Cambridge Assessment English.

Como o EMI afeta as políticas de internacionalização?

A internacionalização de instituições de ensino superior é comumente vista como uma oportunidade para melhorar a colaboração, o currículo, o financiamento, a comunicação e as habilidades linguísticas, entre outros aspectos. O Inglês como Meio de Instrução (EMI) é uma abordagem crescente para facilitar esse processo em países onde o inglês não é a primeira língua.

Em seu livro lançado em 2017, Ruth Breeze (Universidade de Navarra, Espanha) e Carmen Sancho Guinda (Universidade Politécnica de Madrid, Espanha) relembram os leitores sobre os desafios na implementação do EMI que vão além dos linguísticos, como métodos de ensino, que também são alterados quando a língua em uso muda: “professores enfrentam o desafio de não só ter que atualizar sua metodologia de ensino, mas também ter que fazer isso em uma língua estrangeira”, relatam.

Com o objetivo de abordar questões como a formação de professores no estado do Paraná, o programa Paraná Fala Idiomas é desenvolvido pela Superintendência de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná (Seti-PR) e envolve o fortalecimento do processo de internacionalização das universidades do estado. Seu objetivo é melhorar a comunicação acadêmica e científica em línguas estrangeiras, incluindo cursos para a comunidade acadêmica (professores, alunos e funcionários).

Tudo começou em 2014 com o Paraná Fala Inglês, com o Paraná Fala Francês sendo adicionado em seguida. Agora, o programa está começando a incluir mais idiomas. O programa oferece aulas de inglês e francês para a comunidade acadêmica de universidades paranaenses gratuitamente. “Como as aulas são presenciais, não atingimos o número de alunos que gostaríamos. Já atendemos mais de 2 mil alunos, mas são 100 mil alunos em todo o Estado do Paraná”, afirma a coordenadora, Dra. Eliane Segati Rios, da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

Um pequeno número de alunos de todas as universidades públicas brasileiras vem de outros países, mas a oferta de disciplinas em inglês pode ajudar a mudar esse cenário. “Em algumas universidades no exterior, quase 50% de todos os alunos são internacionais. No Brasil, em média, eles são menos de 1%”, diz a Dra. Rios. A internacionalização, entretanto, não depende apenas da oferta de disciplinas em inglês. Outros elementos, como o aceite de trabalhos de pesquisa em periódicos internacionais de alto impacto, também são fundamentais nesse sentido, acrescenta a pesquisadora.

Dra. Rios, que também é chefe da Coordenadoria de Relações Internacionais da UENP, abordou uma dessas questões com a pesquisa **Formação em EMI para professores universitários: uma potencial ferramenta para a internacionalização** dentro da **UK-Brazil English Collaboration Call**. O estudo, diz ela, foi especialmente benéfico, pois forneceu formação para que professores ministrassem aulas em inglês e também desenvolveu diretrizes para a implantação do EMI, elaboradas em consenso entre os membros da comunidade acadêmica direta ou indiretamente envolvidos no processo. "Nessa chamada, vimos uma grande oportunidade de desenvolver pesquisas em grupo para fortalecer e desenvolver nossas políticas linguísticas voltadas à internacionalização das universidades do Paraná", diz a Dra. Rios. "Queríamos analisar o efeito do EMI nas políticas linguísticas destinadas à internacionalização e quais os regulamentos necessários para apoiar esse processo em nossas universidades", acrescenta.

> ***"É crucial ter o EMI como uma política orgânica nas universidades, dando a estrutura e incentivo para que os professores o adotem"***
> ***Dr. Plínio Marco de Toni, Universidade Estadual do Meio-Oeste do Paraná***

Como a pesquisa foi realizada

Para atingir os objetivos da pesquisa, foi necessário compreender como os docentes formados no estado do Paraná se sentiam em relação a dar aulas em inglês. Compreender como os alunos participam das aulas, bem como observar o modo que as instituições veem o papel do EMI no processo de internacionalização, também foram objetivos da equipe de pesquisa.

Foram 62 participantes, entre professores, alunos, coordenadores de cursos de graduação e pós-graduação, chefes de escritórios internacionais e reitores de sete instituições paranaenses: Universidades Estaduais do Paraná (Unespar), Oeste do Paraná (Unioeste), Londrina (UEL), Ponta Grossa (UEPG), Maringá (UEM), Centro-Oeste do Paraná (Unicentro) e Norte do Paraná (UENP). As áreas de conhecimento dos professores vão de Ciências Humanas até Biomédicas, Ciências Sociais e da Terra. O *Guide to English as a Medium of Instruction in Brazilian Higher Education Institutions 2018-2019* foi o ponto de partida da pesquisa, uma vez que fornece um panorama de onde, no Paraná e em outros estados brasileiros, são oferecidos cursos de graduação e pós-graduação por meio do EMI.

O nível de proficiência em inglês dos professores foi avaliado por meio do Linguaskill, um teste online multinível desenvolvido para esse fim. A maioria dos 13 docentes que fizeram o teste tinha nível B2 de proficiência em língua inglesa (intermediário) ou superior, de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR). Os professores então concluíram o *Certificate in EMI Skills do Cambridge English*, um curso online de 40 horas em formato de webinar projetado para instituições de ensino superior, e foram também incentivados a dar cursos, workshops ou palestras usando a metodologia que aprenderam.

Em diferentes momentos do estudo, os participantes foram entrevistados em formato online para falar sobre suas visões sobre o EMI, sobre a preparação dos professores para ministrar aulas em inglês e sobre os meios de tornar o EMI eficaz em suas instituições. Também foram questionados acerca de suas impressões sobre formas de melhorar a implementação de uma abordagem efetiva de EMI em suas instituições. Os dados coletados foram analisados pelo grupo de pesquisadores.

"Nosso maior obstáculo foi a greve geral nas universidades enquanto desenvolvíamos a pesquisa", diz a Dra. Rios, uma vez que alguns professores não puderam oferecer seus cursos nesse período. "Mas conseguimos realizar as atividades de qualquer maneira quando as aulas voltaram", afirma ela. As evidências obtidas, diz ela, são muito relevantes para a compreensão do cenário do EMI nas universidades estaduais do Paraná e levaram ao aprimoramento da política de EMI no estado. Para promoção da iniciativa, professores e alunos que se engajam no EMI merecem reconhecimento e cumprimentos por seus esforços.

Algumas descobertas

O primeiro aspecto que os pesquisadores perceberam, diz a Dra. Rios, foi a necessidade de melhorar os níveis de proficiência em inglês da comunidade acadêmica paranaense. "Vimos que vários docentes que realizaram o curso de EMI foram estimulados a expandir a sua rede internacional de colaboradores e a aumentar a sua mobilidade e cumprimento de objetivos específicos de pesquisa. O envolvimento com o projeto os inspirou a oferecer disciplinas online em inglês com colegas de outros países para também melhor preparar os alunos para a internacionalização", diz ela.

Do ponto de vista dos responsáveis pelas tomadas de decisões, uma das constatações do estudo foi que entre os aspectos que consideram fundamentais para as políticas de internacionalização, estão o apoio a programas como o "Paraná Fala Idiomas", melhor infraestrutura, parcerias com outras universidades e o incentivo da comunidade. Alguns dos formuladores de políticas entrevistados observaram que é importante conhecer melhor os professores para elaborar políticas linguísticas eficazes, portanto ter uma visão clara de quais os níveis de proficiência em inglês que eles possuem pode ser muito útil neste sentido.

Os decisores veem o EMI como uma importante ferramenta de internacionalização, cujo uso pode ser mais eficaz com políticas bem elaboradas, como a inserção de atividades do EMI nos currículos de graduação/pós-graduação e o apoio a cursos de redação acadêmica.

Eles reconhecem que a escolha de lecionar em inglês não depende apenas dos professores, é necessário um arranjo institucional para facilitá-la. “Há uma série de instrumentos e procedimentos que são importantes para auxiliar na implementação do uso do EMI nas universidades. Não podemos nos concentrar apenas no aspecto da linguagem. Não é apenas uma questão de proficiência no idioma e metodologia de ensino”, enfatiza a Dra. Rios. Oferecer disciplinas optativas em inglês, parcerias com universidades do exterior para aumentar a mobilidade acadêmica e programas de estímulo à colaboração em pesquisa internacional, são algumas políticas que podem levar a internacionalização mais longe, em seu sentido amplo.

A maioria dos docentes que participaram da pesquisa concorda com essa visão. De acordo com o estudo, eles acreditam que o EMI deve ser tratado de uma perspectiva institucional, um plano estratégico deve ser criado para inclusão de políticas linguísticas e ações para motivar os professores a se engajarem em sua implementação. Porém, a grande maioria (12 em 13) demonstrou entusiasmo em lecionar suas disciplinas de especialização em inglês e está ciente de que a metodologia precisa ser diferente das aulas ministradas em português (por ser muito mais exigente, conforme relatado por professores que usam o EMI). Segundo a Dra. Rios, a melhoria na proficiência do idioma e o treinamento na metodologia EMI, além de um incentivo institucional para que os professores ministrem aulas em inglês, podem resultar em práticas de EMI mais fortes nas universidades que participaram da pesquisa. Programas para promover a proficiência em inglês de alunos e professores, bem como a formação em Inglês para Fins Acadêmicos (EAP), podem ser, como os professores participantes apontam, um passo importante para políticas de EMI mais fortes.

Em relação aos 27 alunos que participaram do projeto e frequentaram as aulas em EMI, a maioria (22) considerou que a decisão de ministrar aulas em inglês foi dos docentes. São os professores, observaram os alunos, que devem decidir quando dar aulas em EMI, considerando quão preparados e confortáveis eles se sentem. Houve um claro consenso de que os professores precisam de apoio e incentivos para promoverem o EMI em suas práticas de ensino. Oportunidades de mobilidade, oferta de bônus e recursos adequados, reconhecimento do desenvolvimento da carreira e uma carga de trabalho justa foram algumas ações sugeridas. Quanto ao suporte aos próprios alunos, a maioria concordou que a oferta de apoio linguístico e oportunidades de mobilidade, bem como a expansão do leque de disciplinas oferecidas em EMI e a formação em inglês acadêmico, seriam de grande importância para o desenvolvimento de políticas de EMI mais eficazes nas universidades. Na melhor das hipóteses, misturar inglês e português permitiria um melhor entendimento.

Percepções da comunidade

A pesquisa foi uma oportunidade para muitos alunos, professores e tomadores de decisão pensarem sobre as possibilidades oferecidas pelo EMI e o que é preciso para explorá-las. A Dra. Cristina Pátaro, professora da Universidade do Estadual do Paraná e vice-coordenadora do curso de pós-graduação em Sociedade e Desenvolvimento, considera que o aspecto mais interessante da pesquisa foi “a possibilidade de abrir mão do medo de dar aulas em inglês e de mostrar aos alunos que este processo pode ser produtivo”.

Uma das metas do projeto foi apoiar a criação de diretrizes estruturadas para o desenvolvimento do EMI nas universidades. A expectativa é que essas orientações possam, no futuro, ser úteis ao setor de ensino superior.

Ela e sua equipe trabalharam com uma turma de alunos de pós-graduação com diferentes níveis de proficiência em inglês, interessados na iniciativa, mas apreensivos por não poderem acompanhar os seminários. No final, a maior parte da turma achou a experiência positiva e todos aprenderam muito. “Percebemos que a comunicação é possível e esta também é uma oportunidade de aprender o idioma, ganhar fluência e trabalhar com o conteúdo. O trabalho não rende tanto quanto se estivéssemos atuando em nossa língua nativa, mas descobrimos outras coisas que também são importantes para o aprendizado acadêmico”, diz ela.

O Dr. Plínio Marco de Toni, professor de psicologia da Universidade Estadual do Meio-Oeste do Paraná, tem usado o EMI de forma consistente em suas aulas nos últimos três anos, mas o conhece há mais tempo. A pesquisa foi uma oportunidade de aprofundar a reflexão sobre o que ele já faz e, em sua visão, deveria haver pelo menos uma disciplina ministrada em inglês em cada departamento de sua universidade. A política universitária estipula normalmente que apenas as disciplinas não obrigatórias podem ser lecionadas em língua estrangeira e as obrigatórias devem ser ministradas em português.

“Não é tão simples, os professores estão interessados, mas não recebemos muito incentivo da universidade ou do sistema estadual”, diz ele. O professor também destaca que dar aulas em uma língua estrangeira pode ser uma atividade extremamente exigente. “Mesmo que você fale o idioma fluentemente... uma coisa é dar uma única aula, outra é ministrar um curso completo por um ano ou semestre. Portanto, você precisa de mais tempo para preparar as aulas e, sem incentivos, é muito difícil para a universidade manter um programa de EMI com vários cursos e disciplinas”, acrescenta.

Usar EMI pode exigir muito, mas tem várias recompensas e vantagens no final do processo, diz o Dr. de Toni. Por causa da matéria que leciona usando o EMI, ele conseguiu trazer colegas de outros países, e os alunos puderam entrar em contato com professores e alunos do exterior, pessoalmente ou online. “Pudemos ter aulas pelo Skype com especialistas estrangeiros e interagir com eles e com alunos de outros países. Por exemplo, tenho alunos da Índia conversando com meus alunos no Brasil e acho esse contato muito importante”, diz ele. “É crucial ter o EMI como uma política orgânica nas universidades, dando a estrutura e o incentivo para que os professores o adotem”.

Conexão Brasil-Reino Unido

Para a Dra. Rios, um dos importantes benefícios da pesquisa foi a parceria com o *Cambridge Assessment English*, representada por um de seus consultores sêniores de educação, Hugh Moss. “Sua expertise e experiência contribuíram muito para nossa discussão da proposta inicial e trouxeram maturidade à visão que tínhamos para o projeto. Além disso, a colaboração permitiu a oferta do curso de EMI e do teste aos nossos docentes, por isso nos ajudou a perceber como as competências linguísticas impactam o processo de ensino e aprendizagem do uso da língua inglesa nas nossas universidades”.

A parceria também facilitou a expansão das redes do grupo de pesquisa da Dra. Rios. “Foi importante para pensarmos em projetos futuros também, e a colaboração foi além do alcance da pesquisa, tendo um efeito positivo sobre o Paraná Fala Idiomas de muitas maneiras”, diz ela.

A colaboração com a Universidade Estadual do Norte do Paraná, afirma Moss, contribuiu para uma maior compreensão do setor de ensino superior no Paraná e dos desafios específicos da introdução do EMI. “Por sua vez, isso permitiu ao *Cambridge Assessment English* considerar como melhor apoiar o processo de internacionalização e o impressionante trabalho que está sendo realizado em conjunto pela Superintendência de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná e pelo Paraná Fala Idiomas para melhorar os níveis de proficiência e a mobilidade acadêmica e econômica de estudantes e professores universitários”, observa.

Próximos passos

Alguns resultados da pesquisa foram apresentados em conferências no Brasil. Duas delas foram a primeira e segunda edições do *Brazilian English as a Medium of Instruction Seminar (BEMIS)*, o primeiro realizado no final de outubro de 2018, em Curitiba, e o segundo no final de outubro de 2019, em São Paulo. A pesquisa também foi apresentada na Conferência de 2019 da Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI), realizada em meados de abril de 2019 em Belém, no estado do Pará.

Como parte dos objetivos do projeto, os pesquisadores buscam publicar as diretrizes criadas no estudo para apoiar o desenvolvimento de políticas linguísticas e de EMI nas universidades do Paraná. É esperado que as diretrizes venham a ser de utilidade para o setor de educação superior em geral.

Após a conclusão do projeto, a Dra. Rios e Moss afirmam que a colaboração entre a UENP e o *Cambridge Assessment English* deve resultar em novas ações no futuro. Moss diz que a expectativa é oferecer apoio a docentes, por meio de um uso mais extenso das ferramentas de idiomas do *Cambridge English*. Eles também buscam “continuar a avaliar o nível de inglês dos alunos para que possam ter acesso ao apoio linguístico apropriado,” diz ele.

“Pretendemos continuar fomentando a parceria por meio de novos projetos, principalmente porque ainda estamos recebendo informações de professores que utilizaram o EMI até agosto de 2019, quando o projeto foi encerrado”, afirma a Dra. Rios. Essas informações serão importantes para ajudar a medir o efeito da pesquisa e fortalecer as políticas linguísticas e os processos de internacionalização das universidades estaduais paranaenses.

Os pesquisadores também apresentaram o estudo durante o evento *UK-BR Internationalisation of Higher Education and Language Policies*, promovido pelo British Council, de 27 a 31 de janeiro de 2020. O programa incluiu um seminário, workshop, encontros e visitas às universidades no Reino Unido.

PESQUISADORES PRINCIPAIS

Dra. Eliane Segati Rios é professora adjunta da Universidade Estadual do Norte do Paraná, onde lidera a Coordenadoria de Relações Internacionais. Ela também é a coordenadora do programa Paraná Fala Idiomas e é especialista na formação de professores de inglês, tendo trabalhado com a internacionalização de instituições de ensino superior há mais de uma década.

Hugh Moss é consultor sênior de educação da Equipe de Serviços de Consultoria do *Cambridge Assessment English*, departamento da Universidade de Cambridge. Ele tem mais de 26 anos de experiência em Ensino de Língua Inglesa (ELT) e prestou consultoria especializada a ministérios da educação e órgãos educacionais em todo o mundo.

DEMAIS COLABORAÇÕES

- Dra. Larissa Giordani Schmitt, professora do Centro Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

LEITURA ADICIONAL

BREEZE, R, SANCHO GUINDA, C. (eds) (2017). Essential competencies for English-medium university teaching. Basel: Springer.

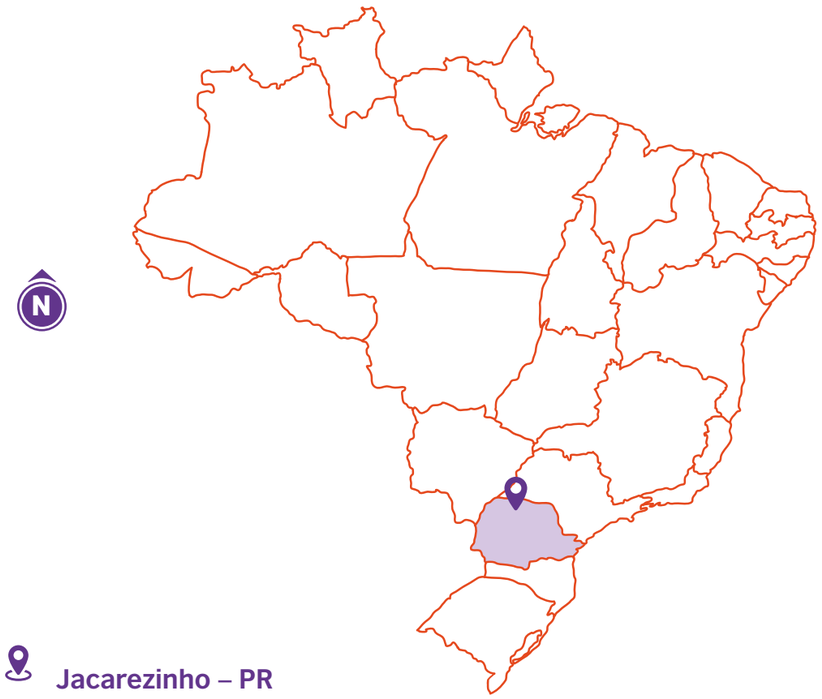
GIMENEZ, T, SARMENTO, S, ARCHANJO, R, ZICMAN, R, FINARDI, K. (2018). Guide to English as a Medium of Instruction in Brazilian Higher Education institutions 2018-2019. São Paulo: British Council.

DEARDEN, J. (2014). English as a Medium of Instruction – a growing global phenomenon. London: British Council.

MARTINEZ, R. (2016) English as a Medium of Instruction (EMI) in Brazilian higher education: Challenges and opportunities. In K.R. Finardi, English in Brazil: Views, Policies and Programs. Londrina: EDUEL, 2016. pp. 191–228.

Formação em EMI para professores universitários: uma potencial ferramenta para a internacionalização

Foco: Investigar as percepções e atitudes dos professores em relação ao Inglês como Meio de Instrução (EMI) nas universidades participantes do programa Paraná Fala Idiomas
Instituições do Brasil: Universidades Estaduais do Paraná (Unespar), Oeste do Paraná (Unioeste), Londrina (UEL), Ponta Grossa (UEPG), Maringá (UEM), Centro-Oeste do Paraná (Unicentro) e Norte do Paraná (UENP)
Instituição do Reino Unido: Cambridge Assessment English
Quando: Novembro de 2018 a agosto de 2019
Onde: Estado do Paraná
Número de participantes envolvidos: 62, entre professores, alunos, reitores, coordenadores de pesquisa e pós-graduação, coordenadores de graduação, chefes de Escritórios Internacionais
Financiamento: £ 10.134,45 - Fundação Araucária £ 4.134,45; British Council £ 6.000.

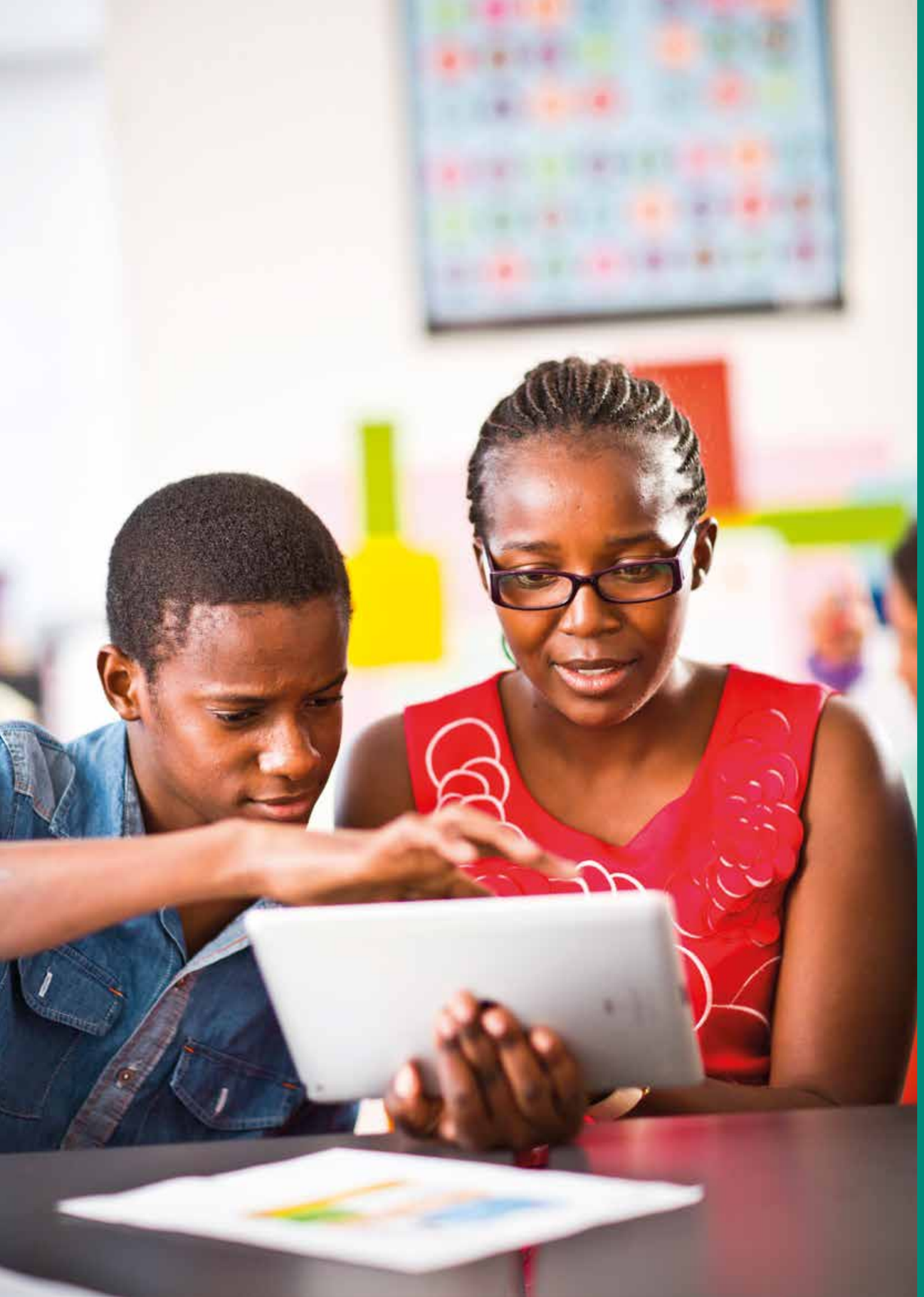


Jacarezinho – PR

Formação em EMI para professores universitários: uma potencial ferramenta para a internacionalização

Universidade Estadual do Norte do Paraná

Universidade de Cambridge



LINHA DE PESQUISA

Melhorando o ensino e a aprendizagem da língua inglesa nos ensinos fundamental e médio do sistema escolar público

VII. Prática Exploratória: o olhar dos próprios praticantes sobre o ensino de idiomas

Os efeitos de uma abordagem para o desenvolvimento de professores são analisados nesta pesquisa

RESUMO

Tentar entender a qualidade de vida em sala de aula pode promover uma maior empatia entre professores e alunos. As salas de aula também podem ser espaços onde a curiosidade, a reflexão e a autonomia são estimuladas. Esses são alguns princípios da Prática Exploratória (PE), objeto do estudo realizado por pesquisadoras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com uma pesquisadora da Regent's University London e outros acadêmicos no Brasil e no Reino Unido. O grupo buscou compreender a percepção de 44 professores em serviço sobre a PE, como a utilizam no dia a dia e como isso afeta sua prática docente. O estudo **Sustentabilidade da Prática Exploratória (PE) no Rio de Janeiro: um estudo de caso sobre professores de inglês como língua estrangeira quando em pré-serviço** (*Sustainability of Exploratory Practice (EP) in Rio de Janeiro: a case study of former ELT pre-service teachers*) foi realizado de dezembro de 2018 a julho de 2019 e, inicialmente, consistiu na análise dos currículos de graduação das universidades da PUC-Rio e da UERJ para verificar em quais ementas a PE foi inserida. Posteriormente, incluiu entrevistas semiestruturadas com os professores para conhecer seus pontos de vista sobre a Prática Exploratória. A abordagem da PE que privilegia uma escuta sensível e a construção de um lugar de fala entre os participantes prova ser relevante e transformadora da vida em sala de aula na forma como os professores agem, enxergam e se relacionam com os alunos.

Prática Exploratória como encorajadora do pensamento crítico dos professores

Os professores em início de carreira podem acreditar que existe uma disparidade entre o que é estudado nos cursos de desenvolvimento profissional na universidade e a realidade que enfrentam dentro da sala de aula. Um livro lançado em 2008 pelo Dr. Thomas Farrel, da Universidade Brock (Canadá), analisou muitos aspectos da percepção de despreparo de professores novatos e suas experiências de aprendizagem, além de muitos outros estudos, incluindo pesquisas brasileiras, que tentam resolver a lacuna entre a formação e a prática.

É nesse cenário que a Prática Exploratória (PE) surge como uma possível abordagem para diminuir tais assimetrias. A Dra. Inés Kayon de Miller e seus colegas da PUC-Rio e outras instituições no Reino Unido têm trabalhado no desenvolvimento e investigação das ideias centrais da PE nas últimas três décadas. Juntamente com a Dra. Isabel C. R. Moraes Bezerra da UERJ e a Dra. Assia Slimani-Rolls da Regent's University, a Dra. Miller propôs um projeto de pesquisa na **UK-Brazil English Collaboration Call do British Council** para investigar como 44 professores que se formaram entre 2008 e 2018 na PUC-Rio e na UERJ enxergavam seus processos de ensino na perspectiva da Prática Exploratória. As pesquisadoras queriam entender o efeito dessa abordagem no ensino de Inglês como Língua Estrangeira (EFL) por esses profissionais e a natureza da relação que eles estabeleceram com os alunos ao adotarem a PE.

A PE não é fácil de definir: ela se fundamenta nas práticas pedagógicas dos docentes, como por exemplo, o ensino baseado em projetos e em abordagens comunicativas, mas não foi concebida como uma metodologia de ensino per se. De acordo com a Dra. Miller, "é uma atitude. Mais do que um método de ensino, a Prática Exploratória é uma abordagem de ensino ética, uma forma de 'estar' dentro da sala de aula". Os alunos, diz ela, são encorajados a fazer, não reter perguntas, inclusive aquelas que podem, à primeira vista, não ter relação com o objeto da aula. Essas perguntas podem expressar ou ajudar a explicitar uma curiosidade e um contexto dos quais o professor pode não estar ciente e perder a oportunidade de explorar. "Os alunos podem perguntar o motivo pelo qual devem fazer a tarefa de casa, por exemplo. Em vez de responder de imediato, o professor pode propor um projeto em que os alunos entrevistem outras pessoas e encontrem a resposta por si próprios". Os aspectos da Prática Exploratória incluem incentivar os alunos a praticarem sua autonomia, valorizando as suas dúvidas como materiais que podem ser utilizados em aula.

A Dra. Adriana Nóbrega, pesquisadora colaboradora da PUC-Rio, afirma que a pesquisa foi especialmente relevante para entender como esses professores, que estudaram a Prática Exploratória na PUC-Rio e na UERJ, utilizam essa abordagem em suas salas de aula. "Queríamos ver como esses professores estavam se saindo e como a PE os estava ajudando em suas vidas diárias. Esta pesquisa também é importante para nós, como formadores de professores, repensarmos nossas práticas com os futuros alunos", diz ela.

> ***"A pesquisa foi uma excelente oportunidade para os professores expressarem suas individualidades e ações como atores políticos."***
> ***Maria Isabel Cunha, PUC-Rio***

Como a pesquisa foi realizada

Toda a pesquisa foi realizada no período de dezembro de 2018 a julho de 2019. No total, participaram 44 professores. Todos tiveram contato prévio com a Prática Exploratória em seus currículos, ao concluírem os cursos de graduação na PUC-Rio e na Faculdade de Formação de Professores da UERJ entre 2008 e 2018. Vários fizeram cursos de especialização e pós-graduação e, na época do estudo, a maioria trabalhava nos ensinos fundamental e médio das redes estadual e privada do Rio de Janeiro, alguns também ensinavam inglês em escolas de idiomas privadas.

Para avaliar o efeito da Prática Exploratória na vida desses professores, a equipe de pesquisa realizou entrevistas semiestruturadas em uma série de encontros de discussão. Essa foi uma tentativa de compreender os desafios que eles enfrentaram dentro da sala de aula, como utilizaram a PE e como perceberam que a abordagem estava presente na sua formação universitária.

As pesquisadoras também analisaram os currículos dos cursos de formação de professores da PUC-Rio e da Escola de Formação de Professores da UERJ para avançar na compreensão de como a reflexão e o pensamento crítico desses profissionais, bem como a própria Prática Exploratória, são discutidos na formação de professores nessas instituições. Esse estudo preliminar dos currículos de formação de professores atualmente implementados em ambas as universidades, permitiu à equipe de pesquisa perceber que as atitudes buscadas para reflexão, pensamento crítico e colaboração se destacam nas descrições de certos cursos de formação, como nos estágios. De acordo com a Dra. Miller, esses aspectos poderiam ser tornados mais explícitos nas descrições do curso de outras disciplinas, "a fim de mostrar as posturas reflexivas e críticas que são pretendidas em ambos os programas de graduação".

Um aspecto que as Dras. Miller e Moraes Bezerra destacam em relação à metodologia da pesquisa, é que os professores entrevistados não foram vistos como sujeitos da pesquisa que apenas forneceriam informações para análises posteriores. As opiniões dos professores foram exploradas de várias maneiras na tentativa de construir um corpo de conhecimento no qual eles eram participantes ativos. "Para nós, cada um deles foi visto como um colega que aproveitaria os encontros como oportunidades de reflexão sobre ser professor, sua prática docente e tudo o que a ela se relaciona nos contextos em que é trabalhada", observa a Dra. Moraes Bezerra.

Esse desenho metodológico foi especialmente significativo para a sustentabilidade de uma comunidade que pode questionar sua prática pedagógica diária. Segundo Maria Isabel Cunha, pesquisadora colaboradora da PUC-Rio, "a pesquisa foi uma excelente oportunidade para os professores expressarem suas individualidades e ações como atores políticos". Os professores de línguas, acrescenta, recebem muito pouco respeito ou apoio social do governo ou da sociedade, "então, podem sentir que não têm o direito a uma opinião ou algo importante a dizer".

Algumas descobertas

As reuniões e análises levaram a equipe a concluir que os professores percebem a Prática Exploratória como uma ferramenta importante para suas atividades. Foi útil para aumentar a consciência sobre a qualidade de vida em sala de aula, uma vez que a abordagem promoveu mais confiança e compreensão da/na relação professor-aluno.

Mesmo em contextos difíceis, "esses professores tentam entender o que está acontecendo na vida de seus alunos e como as circunstâncias em que vivem afetam as relações em sala de aula e interferem no processo de ensino-aprendizagem", diz a Dra. Isabel. "Para muitos deles, é exatamente a abordagem humanística da Prática Exploratória que os mantém na sala de aula e não os deixa abandonar suas carreiras docentes", acrescenta ela.

A Dra. Adriana Nóbrega também considera que a maior ganho do estudo foi a percepção do que significa a Prática Exploratória para os professores que participaram da pesquisa. A Dra. Nóbrega expressa uma preocupação que ela e as demais pesquisadoras têm em apresentar os resultados. "Preferimos chamar essas conclusões de 'entendimentos' e não de 'resultados'. Foi interessante apreciar o que os professores entendem da Prática Exploratória como uma abordagem ética e inclusiva, e que é relevante neste processo para eles".

O maior entendimento possibilitado pela pesquisa, na visão da Dra. Inés Miller, foi a percepção de que os professores que adotam a Prática Exploratória em suas salas de aula tendem a ouvir mais atentamente seus alunos. "Se um aluno ou aluna tem que lidar com uma determinada situação familiar difícil, por exemplo, seu professor lhe dará atenção e tentará harmonizar seu estado emocional. O professor não vai apenas desviar o olhar e seguir em frente", diz ela. "Nós trazemos nossas vidas para a sala de aula, elas não ficam de fora enquanto estamos lá. E esta é uma noção que tem uma correlação direta com a qualidade de vida", acrescenta a Dra. Miller.

Houve também a preocupação com a sustentabilidade da Prática Exploratória no cotidiano dos professores, pois os rígidos cronogramas e programas de estudos deixam pouco espaço para reflexão em geral. No entanto, os professores envolvidos na pesquisa parecem ter encontrado maneiras de administrar tais restrições. Maria Isabel Cunha afirma que houve uma forte postura sobre a identidade racial e de gênero neste grupo de professores e o trabalho que desenvolveram com a PE possivelmente tirou partido das capacidades de reflexão e de pensamento crítico que já possuíam. "Houve um fortalecimento de seu posicionamento e eles refletiram de forma crítica não só no conteúdo que ensinam, mas também em seus trabalhos. Isso foi muito interessante, além de ser um dos entendimentos mais importantes da pesquisa", diz Cunha.

Percepções da comunidade

Em termos de efeitos, Cunha destaca que, após a conclusão dos cursos de graduação, muitos profissionais passaram a fazer pós-graduação "e têm uma noção muito clara do seu papel profissional na sociedade, assim como uma forte percepção da sua missão como professores. Por 'missão', não quero dizer 'trabalho de caridade', mas sua missão social e política na sociedade, o que é especialmente interessante no que diz respeito ao ensino de línguas estrangeiras e linguística aplicada", diz a pesquisadora.

> ***"A prática exploratória é uma forma especial de pesquisa do praticante que permite que professores e alunos trabalhem juntos para uma melhor compreensão de sua sala de aula"***
> ***Dra. Assia Slimani-Rolls, Regent's University London***

É o caso de Renan Silva da Piedade, doutorando em Letras pela PUC-Rio e professor assistente do curso de especialização em Língua Inglesa da mesma universidade. A prática exploratória, diz ele, dá espaço para discutir o que acontece fora da sala de aula. “Quando sou questionado sobre o que eu sinto, vejo, percebo e quais dificuldades eu tenho... isso abre portas para eu falar sobre a dor e as experiências pelas quais estou passando. Isso traz uma noção de espaço e voz. É hora de assumir um papel de liderança em nossas próprias práticas como professores”, explica ele.

Tal espaço e voz possibilitados pela Prática Exploratória, diz Piedade, criam “uma grande sensação de pertencimento, como se essa aproximação fosse uma rede de relações: professores conversam com professores, que conversam com alunos, que conversam entre si e coordenadores, que falam com professores... e assim por diante, em uma rede de pessoas que tentam compreender o que está acontecendo com elas”. Todas essas relações são incentivadas do ponto de vista da pesquisa prática “para produzir não apenas uma tese e outro trabalho acadêmico, mas também uma percepção crítica do que acontece em nossas vidas diárias e em nossas relações professor-aluno”, acrescenta.

Conexão Brasil-Reino Unido

A colaboração entre a Dra. Miller e a Dra. Assia Slimani-Rolls começou muito antes da **UK-Brazil English Collaboration Call**. Nas décadas de 1980 e 1990, ambas eram alunas de doutorado sob a orientação do Dr. Dick Allwright na Universidade de Lancaster, no Reino Unido. Elas têm trabalhado juntas ao longo da última década, desenvolvendo e investigando o quadro teórico da Prática Exploratória. “É uma forma especial de pesquisa do praticante, permitindo que professores e alunos trabalhem juntos para uma melhor compreensão do ambiente de sua sala de aula”, diz a Dra. Slimani-Rolls.

“A proposta que apresentamos ao British Council é o resultado de muitos anos de colaboração”, disse a Dra. Miller. “Com base no trabalho do professor Allwright, começamos com um pequeno grupo de pesquisadores no Brasil e no Reino Unido que se reuniram em eventos e trabalharam em intercâmbios. Participamos e organizamos vários eventos de Prática Exploratória”, acrescenta.

A colaboração foi tranquila ao longo do desenvolvimento do estudo e resultou, de acordo com a Dra. Slimani-Rolls, na divulgação conjunta dos resultados da pesquisa em pelo menos três eventos no final de 2019. Eles aconteceram em três universidades diferentes no Reino Unido: Regent’s University London, Universidade de Greenwich e Universidade de Southampton.

As pesquisadoras também apresentarão as conclusões da pesquisa no AILA 2021, Congresso Mundial de Linguística Aplicada, em Groningen, na Holanda. “Esta colaboração bem-sucedida, sem dúvida, continuará no futuro e, mais precisamente, levará a uma maior disseminação em vários tipos de publicações”, indica a Dra. Slimani-Rolls.

Próximos passos

Existem muitos aspectos da Prática Exploratória a serem analisados em ações futuras. Para a Dra. Isabel C. R. Moraes Bezerra, há muito a ser feito no que se refere a pensar a pesquisa ética e inclusiva a partir dessa abordagem, “assim como pensar em outras formas de fazer pesquisa com seres humanos e no que lhes diz respeito, seja em ambiente escolar ou não”.

A equipe de pesquisa acredita que as informações geradas nas reuniões ainda precisam de um exame mais aprofundado, a fim de expandir o foco do estudo para incluir outras questões relevantes que surgiram, mas não são necessariamente o tema central. “Esperamos que a revisão dos resultados indique quais caminhos devemos seguir”, acrescenta a Dra. Moraes Bezerra.

Apesar do sucesso, as pesquisadoras não consideram a replicação do estudo. De acordo com a Dra. Moraes Bezerra, “a reprodução implica tratar diferentes pessoas e contextos de forma homogênea como se não houvesse diferenças culturais, sociais e históricas”.

A próxima ação seria ampliar a pesquisa, envolvendo professores ou alunos de pós-graduação na análise. “Certamente manteríamos a proposta de desenvolvimento mútuo e colaboração, porque isso tem sido muito positivo”, afirma a Dra. Moraes Bezerra. Esse aspecto positivo, enfatiza ela, não deve ser entendido no sentido de que os professores participantes disseram o que as pesquisadoras queriam ouvir. “Pelo contrário, poderíamos fazer perguntas que não eram necessariamente o que esperávamos ou que eram de natureza muito delicada. Eram perguntas que não poderíamos fazer em pesquisas ou entrevistas em que as pessoas são tratadas como meros informantes. Por isso ressaltamos a necessidade de um posicionamento ético em relação à confiança com que essas pessoas nos relatam suas experiências”, destaca.

A Dra. Inés Miller enfatiza que envolver os professores na análise é importante para uma abordagem que não os veja como meras fontes de informação. Em um futuro próximo, a equipe organizará reuniões de análise para que os professores participantes possam dar suas próprias perspectivas sobre a pesquisa. “Temos que lutar contra formas menos inclusivas de pesquisa”, diz a Dra. Miller.

As pesquisadoras também apresentaram o estudo durante o evento *UK-BR Internationalisation of Higher Education and Language Policies*, promovido pelo British Council, de 27 a 31 de janeiro de 2020. O programa incluiu um seminário, workshop, encontros e visitas a universidades no Reino Unido.

LEITURA ADICIONAL

FARRELL, TSC. (2008). Novice language teachers: Insightsand perspectives from the first year. London, England: Equinox.

MILLER, I. K. (2010). Construindo parcerias universidade-escola: Caminhos éticos e questões crítico-reflexivas. In T Gimenez, M. C. M. Góes (eds), Formação de professores de línguas na América Latina e transformação social. Campinas, SP: Pontes Editores, pp. 109–129.

MORAES BEZERRA, I. C. R, MILLER, I K. (2015). Exploratory Practice and New Literacy Studies: building epistemological connections. Pensares em Revista. N. 6, Jan/Jul.

SLIMANI-ROLLS, A, KIELY, R. (2018). Exploratory Practice for Continuing Professional Development. An Innovative Approach for Language Teachers. London. Palgrave Macmillan. ISBN 978-3-319-69762-8

PESQUISADORAS PRINCIPAIS

Dra. Inés Kayon de Miller é professora associada do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É especialista em Linguística Aplicada e atua há mais de duas décadas com formação inicial e continuada de professores, especialmente no desenvolvimento da Prática Exploratória e sobre como a abordagem é usada em ambientes de sala de aula.

Dra. Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra é professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde coordenou a área de Estudos Linguísticos do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. é especialista em Linguística Aplicada e trabalha com Prática Exploratória há mais de uma década.

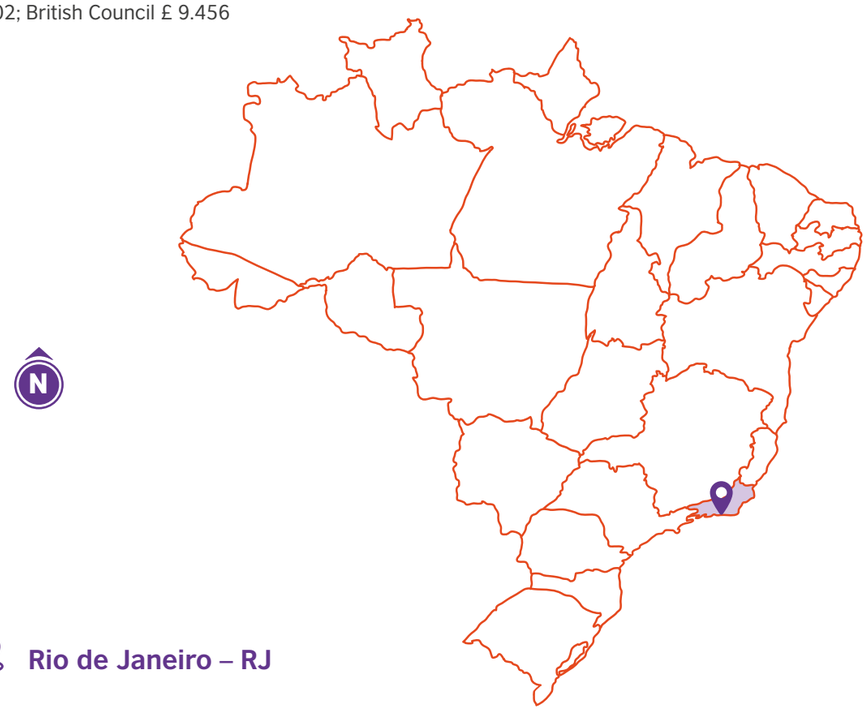
Dra. Assia Slimani-Rolls é a diretora de pesquisa e desenvolvimento profissional do Instituto de Línguas e Cultura da Regent's University London. É especialista em Linguística Aplicada e tem focado sua pesquisa em como a Prática Exploratória cria um ambiente melhor para ensino e aprendizagem em sala de aula.

DEMAIS COLABORADORES

- Dra. Adriana Nogueira Accioly Nóbrega, professora do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Beatriz Maciel, Diego Nunes, Thais Borges e Thelma Côrtes, doutorandos do Departamento de Letras Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Dra. Judith Hanks, professora associada de Educação em Idiomas na Universidade de Leeds.
- Maria Isabel Azevedo Cunha, coordenadora do curso de especialização em Língua Inglesa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Dr. Richard Kiely, professor adjunto de TESOL (*Teaching English as a second language or Foreign Language*), Linguística Aplicada em letras modernas e linguística na Universidade de Southampton.
- Walewska Gomes Braga, professora de inglês na Escola Municipal Santo Tomás de Aquino, Rio de Janeiro.

Sustentabilidade da Prática Exploratória (PE) no Rio de Janeiro: um estudo de caso sobre professores de inglês como língua estrangeira quando em pré-serviço

Foco: Analisar como a Prática Exploratória pode promover a compreensão mais profunda de professores e alunos sobre a qualidade de suas vidas em sala de aula.
Instituições do Brasil: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Instituição do Reino Unido: *Regent's University London*
Quando: Dezembro de 2018 a julho de 2019
Onde: Cidade do Rio de Janeiro
Número de participantes envolvidos: 55 (incluindo professores e consultores)
Financiamento: £ 27.646 - PUC-Rio £ 4.298; UERJ £ 3.610; Regent's University London £ 5.680; CAPES £ 4.602; British Council £ 9.456



Rio de Janeiro – RJ

Sustentabilidade da Prática Exploratória (PE) no Rio de Janeiro: um estudo de caso sobre professores de inglês como língua estrangeira quando em pré-serviço

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Regent's University London

VIII. Um aplicativo móvel pode ajudar o ensino de inglês em salas de aula?

Esta pesquisa analisou como o aplicativo Duolingo pode ser uma ferramenta para melhorar o envolvimento e aprendizagem dos alunos

RESUMO

Fluência ou alto nível de proficiência em inglês não são comuns no Brasil. Entre muitos fatores que podem levar à essa situação, estão as dificuldades enfrentadas pelo sistema de ensino público. Isso poderia mudar com a adoção de dispositivos digitais ou aplicativos móveis para o aprendizado de idiomas? Pensando nisso, pesquisadoras da Universidade Federal do Ceará, em parceria com a Universidade de Bournemouth, desenvolveram a pesquisa **Aprendendo Inglês nas Escolas Públicas Brasileiras com Novas Tecnologias** (*Learning English at Brazilian Public Schools with New Technologies*), que envolveu 84 alunos do sexto ano de duas escolas públicas de Fortaleza, capital do estado do Ceará. O estudo foi realizado de dezembro de 2018 a julho de 2019 e teve como principal objetivo estimular o uso do Duolingo entre os alunos e observar possíveis impactos no aprendizado geral da língua inglesa. Embora o uso do aplicativo tenha apresentado um ligeiro aumento no desempenho dos alunos, os ganhos em termos metodológicos foram os pontos mais fortes do estudo.

Ensino de tecnologia e idiomas em escolas públicas

A noção de que “não se aprende mais do que a conjugação do presente do verbo *to be*” nas escolas públicas é bastante difundida no Brasil e está relacionada à necessidade de políticas públicas de formação de professores e de desenvolvimento curricular, entre outros aspectos do ensino de inglês na educação básica. Isso é particularmente desafiador quando se considera que o inglês é uma ferramenta importante para a comunicação internacional.

De acordo com o relatório Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil, de 2014, desenvolvido pelo Instituto Data Popular para o British Council, 5,1% da população com 16 anos ou mais declara ter algum conhecimento de inglês. A taxa dobra entre os jovens entre 18 e 24 anos, com 10,3% dos brasileiros nessa faixa etária afirmando que falam inglês em algum nível. O relatório também mostra que, entre aqueles que falam inglês no Brasil, uma minoria (16%) tem níveis avançados ou fluentes de idioma, enquanto a maioria tem fluência básica (47%) ou intermediária (32%).

Ferramentas tecnológicas, por outro lado, vêm se tornando mais acessíveis a todas as classes sociais. De acordo com o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), que mede o crescimento do acesso à internet no Brasil a cada ano, 70% da população brasileira tem acesso à internet e 97% está online através dos seus smartphones. Cerca de metade da população rural e indivíduos das classes sociais mais baixas (D e E) têm acesso à internet.

Estudos recentes, como o de Vaida Žegunienė e Malgorzata Karczewska (2018), apontam que a conexão à internet e as novas tecnologias afetam o ensino e a aprendizagem de línguas. Em Taiwan, por exemplo, um estudo realizado por Yu-Lan Huang e Dian-Fu Chang em 2016 mostrou que o uso de aplicativos móveis como Busuu e Duolingo entre estudantes universitários não apenas melhorou seu aprendizado de línguas, mas também aumentou seus níveis de motivação e satisfação ao fazê-lo.

Será que essa difusão da tecnologia móvel poderia alavancar o aprendizado de inglês entre alunos de escolas públicas? Isso é o que o projeto **Aprendendo Inglês nas Escolas Públicas Brasileiras com Novas Tecnologias** buscou investigar.

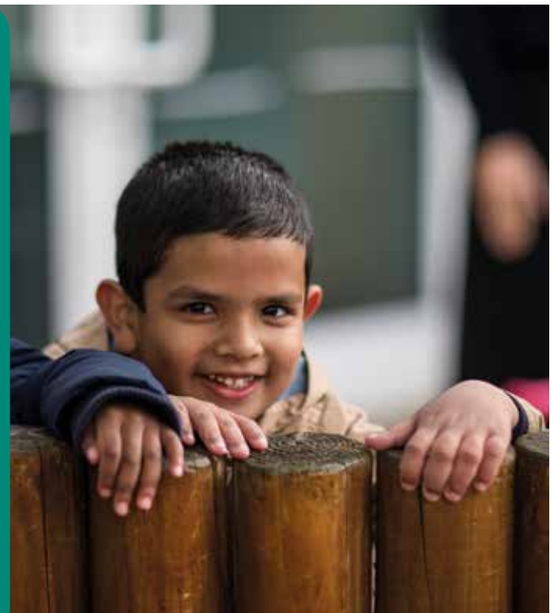
Dra. Lídia Cardoso, professora da Universidade Federal do Ceará e uma das coordenadoras da pesquisa, diz que tentou usar uma nova abordagem para aproximar os alunos e a língua inglesa, que geralmente é ensinada nas escolas públicas brasileiras a partir do sexto ano.

Um estudo anterior desenvolvido pela Dra. Cardoso e sua colega Dra. Pâmela Toassi, também da Universidade Federal do Ceará, mostrou que os alunos geralmente são motivados a usar aplicativos móveis como o Duolingo para melhorar suas habilidades linguísticas, passando a usá-los em casa, fora do horário escolar. O projeto **Aprendendo Inglês**... é relevante para o ensino de línguas estrangeiras, de acordo com a Dra. Toassi, que também é coordenadora do estudo, porque “atinge as salas de aula das escolas públicas por meio de uma intervenção que visa melhorar o processo de ensino-aprendizagem, além de permitir a cooperação entre a universidade e as escolas”.

Como a pesquisa foi realizada

Duas escolas estiveram no centro da investigação: a Escola Municipal de Tempo Integral Nossa Senhora de Fátima, com 56 alunos participantes, e a Escola João de Freitas Ramos, com 28 participantes. Ambas as escolas são localizadas em Fortaleza - CE, e todos os 84 alunos eram do sexto ano. “Ficamos positivamente surpresos com o número de alunos que se dispuseram a participar do estudo”, afirma a Dra. Pâmela Toassi. “Há uma noção generalizada de que os pais e as comunidades não se envolvem neste tipo de pesquisa, mas este nível de interesse mostra totalmente o oposto”, acrescenta ela.

Os alunos participantes foram divididos em dois grupos: o primeiro fazia uso do aplicativo móvel Duolingo fora das aulas e o segundo, o grupo controle, tinha aulas extras de inglês, mas não usava o aplicativo. Os alunos fizeram um teste de idioma no início do período de estudos e, ao final, fizeram o mesmo teste e tiveram suas notas comparadas.



> ***“Esta pesquisa chega às salas de aula de escolas públicas por meio de uma intervenção que visa melhorar o processo de ensino-aprendizagem, além de possibilitar a cooperação entre a universidade e as escolas”***
> ***Dra. Pâmela Toassi,***
> ***Universidade Federal do Ceará***

A escala de tempo teve suas desvantagens, no entanto. O estudo decorreu ao longo do primeiro semestre de 2019, o que, segundo a Dra. Toassi, foi em si um desafio. Para ela, “teria sido ideal desenvolver tal estudo por um período mais longo do que os sete meses que durou”, para poder fazer observações mais completas.

Para observar se e como a tecnologia afetaria o aprendizado de inglês entre alunos de escolas públicas, foi importante fornecer smartphones a pelo menos metade dos 84 alunos. Embora a comunicação móvel seja bastante difundida no Brasil, sua distribuição ainda é desigual em muitas regiões, o que se mostrou outro desafio, já que apenas 16 alunos tinham smartphones disponíveis. A pequena amostra, segundo as Dras. Toassi e Cardoso, não invalidou o estudo nem o inviabilizou, pois também gerou alguns achados e questionamentos metodológicos.

Algumas descobertas

Houve uma melhora em termos de aprendizagem entre os alunos envolvidos no estudo, segundo Cardoso. O grupo de 16 alunos que usaram o Duolingo teve um desempenho um pouco melhor do que aqueles que não usaram o aplicativo. O fato de o aplicativo ser disponibilizado gratuitamente pode ter sido um motivador extra. “Algo que observamos”, diz a Dra. Cardoso, “é que muitos alunos, quando cientes de aplicativos de aprendizagem de línguas, irão usar estas ferramentas por conta própria pois são nativos digitais”. É um exercício de autonomia que pode levar ao empoderamento, observa.

O estudo também confirmou a necessidade de engajar os alunos em mais horas em sala de aula para melhorar a aprendizagem de línguas. Em geral, alunos das escolas públicas no Brasil têm apenas cerca de 50 minutos de aulas de inglês por semana, apontam as pesquisadoras. “Considerando a complexidade envolvida no processo de aquisição de língua estrangeira, isso deveria ser considerado para reduzir as restrições da aprendizagem,” diz a Dra. Cardoso. Toda intervenção que envolva os alunos na aprendizagem de uma língua adicional, complementa a Dra. Toassi, “pode contribuir para a melhora do processo ensino-aprendizagem nas escolas públicas”.

Percepções da comunidade

O desenvolvimento de um estudo como este já é uma forma de dar visibilidade ao ensino de inglês na rede pública. Para Janaína Andrade, professora e coordenadora da Escola João de Freitas Ramos, e uma das participantes do estudo, essa metodologia de avaliação é altamente relevante porque “o ensino de inglês na escola é particularmente fraco no Brasil, o investimento insuficiente resulta em alunos e professores desmotivados”.

Ela afirma que a possibilidade de trabalhar diretamente com alunos em pesquisas como esta foi uma forma de renovar o interesse pela aprendizagem e a motivação para aprender uma língua estrangeira. O uso da tecnologia como componente do processo de aprendizagem também foi uma forma de trazer o cotidiano dos alunos para a sala de aula, uma vez que “era possível que sua prática de aprendizagem permanecesse ininterrupta, mesmo quando não estivessem no ambiente escolar”, Andrade acrescenta.

O uso de ferramentas como o Duolingo nas atividades de pesquisa teve impacto na escola em que ela trabalha. “Os alunos realizaram as atividades mesmo fora do horário escolar e intensificaram o aprendizado por meio do uso de recursos tecnológicos que estavam à sua disposição”, ela se entusiasma.

Janyelle Alves, professora de inglês de alunos do sexto ano da Escola Nossa Senhora de Fátima e também participante da pesquisa, concorda com essa percepção. Ela conta que a maioria de seus alunos foi mais participativa dentro da sala de aula, arriscou mais e questionou sobre temas que ainda não haviam sido abordados em aula. “Senti que a confiança deles aumentou um pouco mais em relação ao idioma”, diz ela, “e percebi que as perguntas deles mudaram um pouco. Eles costumavam fazer perguntas mais aleatórias, mas então parece que estavam se

concentrando mais nos assuntos e fazendo perguntas que eram mais específicas para o que estávamos estudando", acrescenta ela.

A aprendizagem de vocabulário dos alunos de Alves também parece ter melhorado. "É como se eles tivessem percebido a importância de aprender", diz a professora.

Por outro lado, os alunos que já estavam frustrados em aprender inglês não melhoraram muito a percepção de sua relação com o idioma. "Ainda é um desafio para eles e não se envolvem muito", diz ela.

Mesmo precisando enfrentar esse desafio, Alves diz que quer continuar usando a metodologia. "Foi uma melhoria muito boa, embora o prazo para a pesquisa fosse curto", acrescenta ela.

Conexão Brasil-Reino Unido e próximos passos

Além do desenvolvimento do estudo, outro aspecto importante da pesquisa foi o fortalecimento de laços entre as Dras. Toassi e Cardoso e o Dr. Bernhard Angele, professor associado de Psicologia na Universidade de Bournemouth.

Desde 2017 a Dra. Toassi e o Dr. Angele são colaboradores de um projeto que analisa como leitores bilíngues proficientes processam cognatos, ou seja, palavras escritas da mesma forma e que possuem o mesmo significado em dois idiomas diferentes – como total em português e inglês –, e homógrafos interlinguísticos, também conhecidos como falsos cognatos – como *sensível* em português e *sensible* em inglês.

> ***"Os alunos estão intensificando sua aprendizagem por meio do uso de recursos tecnológicos disponíveis a eles"***
> ***Janaína Andrade,***
> ***Escola João de Freitas Ramos***

A pesquisa, diz o Dr. Angele, "foi financiada pela Royal Society e estava muito mais próxima dos meus principais interesses de pesquisa como psicólogo cognitivo, pois tinha como foco a linguagem e, especialmente, a leitura". Em uma visita a Fortaleza por conta da colaboração, ele conheceu o estudo que as Dras. Toassi e Cardoso estavam desenvolvendo juntas, examinando o uso da tecnologia para o fortalecimento do aprendizado de idiomas. O Dr. Angele diz que achou uma ideia extremamente interessante porque, em comparação com o estudo que estava desenvolvendo, "essa pesquisa tem um impacto muito mais direto na vida dos alunos, o que eu aprecio". Assim, a equipe identificou a chamada do British Council para projetos como uma forma potencial de trabalharem juntos em uma proposta. Para a Dra. Pamela Toassi, "a colaboração tem sido extremamente enriquecedora" e eles pretendem continuar trabalhando juntos em futuras atividades de pesquisa. Dra. Lídia Cardoso concorda com sua colega e diz que "o grau de aprendizado com esta investigação foi ótimo para toda a equipe".

A Dra. Cardoso destaca também a importância da **UK-Brazil English Collaboration Call** em possibilitar a pesquisa e aprofundar a colaboração, que continuará em um estudo subsequente no Reino Unido, com financiamento do Fundo de Investimento de Impacto da Universidade de Bournemouth.

Esta próxima etapa, diz o Dr. Angele, permitirá um estudo de acompanhamento envolvendo mais alunos e um período mais longo. As expectativas para esta próxima fase são elevadas. Ele ressalta que, se o estudo pode mostrar que a integração de aplicativos de aprendizagem de idiomas ao currículo é um método de baixo custo para melhorar os resultados do aprendizado de idiomas dos alunos, essa descoberta pode afetar não apenas o ensino de inglês no Brasil, mas também o ensino de idiomas em outros países.

Tal resultado poderia possivelmente influenciar o ensino de línguas estrangeiras no próprio Reino Unido. Esta área, diz o Dr. Angele, "tem sido notoriamente negligenciada, e o número de alunos aprendendo línguas estrangeiras está caindo". A adoção de aplicativos de aprendizagem móvel no Reino Unido poderia, então, "permitir que as escolas ofereçam mais idiomas e forneçam mais prática sem exigir muito mais recursos", ele espera.

PESQUISADORES PRINCIPAIS

Dra. Lídia Amélia de Barros Cardoso é professora adjunta do Departamento de Estudos de Língua Inglesa, suas Literaturas e Tradução da Universidade Federal do Ceará. É especialista em Metodologias de Ensino de Línguas Estrangeiras e Linguística Aplicada, e pesquisa a adoção de tecnologia na aprendizagem e ensino de idiomas desde 2012.

Dra. Pâmela Freitas Pereira Toassi é professora adjunta do Departamento de Estudos de Língua Inglesa, suas Literaturas e Tradução Universidade Federal do Ceará, onde também é professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Seu campo de pesquisa abrange aquisição de vocabulário, multilinguismo, ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, formação de professores e leitura e tradução.

Dr. Bernhard Angele é professor associado de psicologia na Universidade de Bournemouth. Sua pesquisa atual se concentra na interconexão dos processos de leitura e aquisição da linguagem, mais especificamente em como os leitores alocam sua atenção para seguir as linhas do texto e mudam seu olhar na taxa adequada para o processamento da linguagem.

LEITURA ADICIONAL

BRITISH COUNCIL (2019). Políticas Públicas para o Ensino de Inglês. Um panorama das experiências na rede pública brasileira. São Paulo. on-line.

BRITISH COUNCIL (2013) Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil. São Paulo. on-line

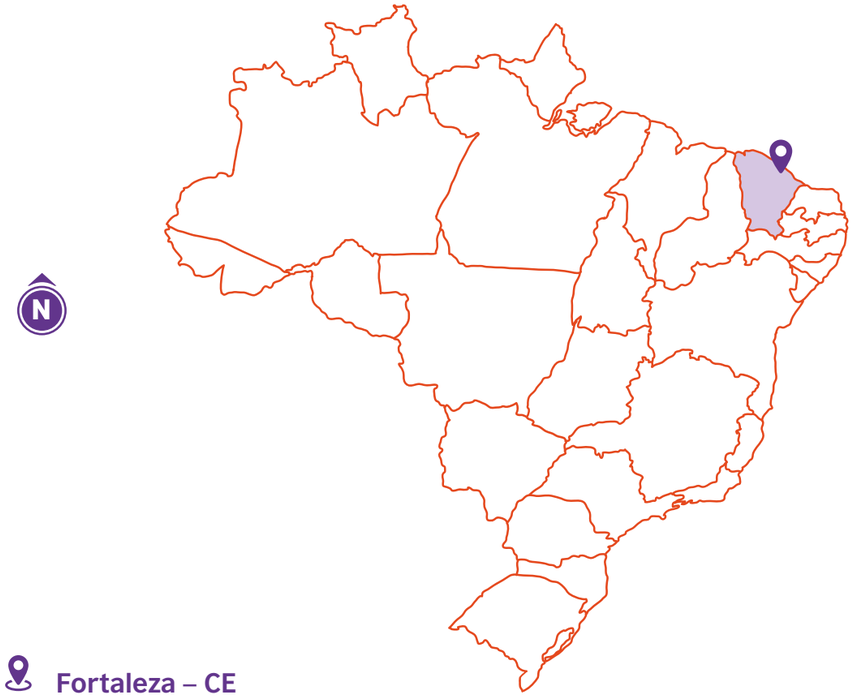
HUANG, Y, CHANG, D. Fuzzy detecting the effect of mobile game-based learning for university students. TOJET: The Turkish Online Journal of Educational Technology, Nov. 2016, Special Issue, pp. 1070–1080.

ŽEGUNIENĖ, V, KARCZEWSKA, M. Global and innovative tools in English language learning: strengths or threats? Proceedings of the International Scientific Conference. v. III, 25–26 May 2018, pp. 580–593.

SOUZA, GMB. CARDOSO, LAB, TOASSI, PFP. Duolingo as a tool to improve vocabulary writing in English as a foreign language. Letras em Revista, v. 09, n. 01, Jan./Jun. 2018.

Aprendendo Inglês nas Escolas Públicas Brasileiras com Novas Tecnologias

Foco: Usar o aplicativo móvel Duolingo para verificar a melhoria da aprendizagem de idiomas entre alunos da sexta série em escolas públicas
Instituições brasileiras: Escola Municipal de Tempo Integral Nossa Senhora de Fátima, Escola João de Freitas Ramos e Universidade Federal do Ceará (UFC)
Instituição no Reino Unido: Universidade de Bournemouth
Quando: Dezembro de 2018 a julho de 2019
Onde: Fortaleza, Ceará
Número de participantes envolvidos: 95, incluindo alunos, professores e um coordenador escolar
Financiamento: £ 8.040 - FUNCAP £ 4.750; British Council £ 3.290



Fortaleza – CE

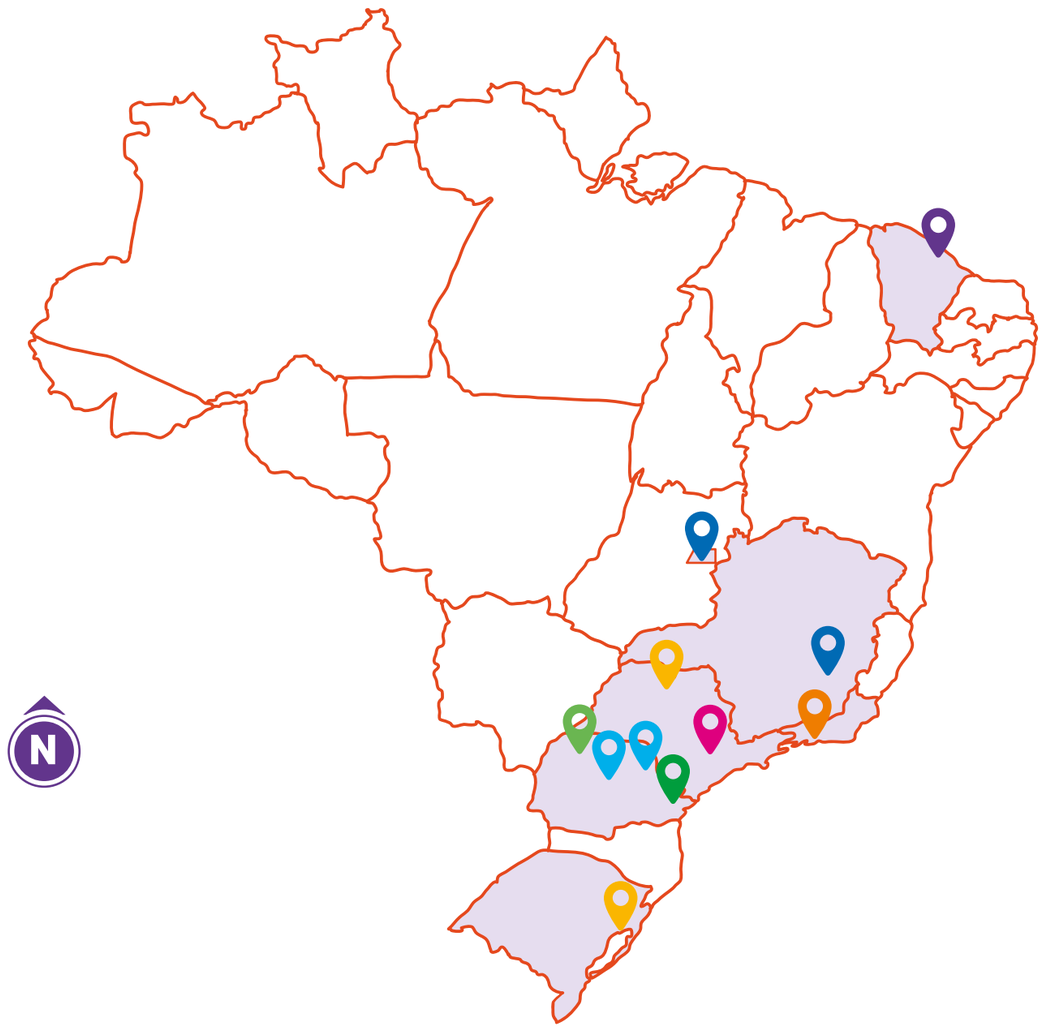
Aprendendo Inglês nas Escolas Públicas Brasileiras com Novas Tecnologias

Universidade Federal do Ceará

Universidade de Bournemouth

Projetos apoiados pela UK-BR English Collaboration Call

Projetos apoiados pela UK-BR English Collaboration Call



São Paulo – SP

Facilitando a internacionalização nos contextos do ensino superior brasileiro: desenvolvimento de experiência no ensino de Inglês Para Fins Acadêmicos

Universidade de São Paulo

Universidade de Glasgow

Fortaleza – CE

Aprendendo Inglês nas Escolas Públicas Brasileiras com Novas Tecnologias

Universidade Federal do Ceará

Universidade de Bournemouth

Rio de Janeiro – RJ

Sustentabilidade da Prática Exploratória (PE) no Rio de Janeiro: um estudo de caso sobre professores de inglês como língua estrangeira quando em pré-serviço

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Regent's University London

Belo Horizonte – MG

Brasília – DF

Paisagens de língua e letramento em mudança nas universidades brasileiras: O inglês no desenvolvimento da política e da prática linguística

Universidade Federal de Minas Gerais

Universidade de Brasília

Universidade de Birmingham

Porto Alegre – RS

São J. do Rio Preto – SP

Apoio à Internacionalização da Pesquisa Brasileira: Combinando Formação de Professores de IFA com Autonomia para a produção de textos acadêmicos em inglês

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
São Paulo State University

Universidade Estadual Paulista

Universidade de Surrey

Curitiba – PR

Existe um nível mínimo de proficiência em inglês para ensinar em uma universidade no contexto do EMI?

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Cambridge Assessment English

Londrina – PR

Maringá – PR

Inglês como Meio de Instrução em duas instituições de ensino superior estaduais brasileiras a partir da perspectiva do inglês como lingua franca: política na prática

Universidade Estadual de Londrina

Universidade Estadual de Maringá

Goldsmiths, University of London

Jacarezinho – PR

Formação em EMI para professores universitários: uma potencial ferramenta para a internacionalização

Universidade Estadual do Norte do Paraná

Universidade de Cambridge

BRITISH COUNCIL

www.britishcouncil.org.br